

**Santo André,
460 anos**

**Novela da
Baronesa**

**Sindicalismo
em fotos**

REVISTA

República



Foto: Fernando Nonato - Ilustração: Mayssa Calmona

No limite

Em declínio na última década, número de homicídios ganha novo fôlego no ABC, preocupa autoridades e agrava sensação de medo da população. O avanço da violência também atinge o bolso de quem tem carro: valor de seguros é 40% mais caro que em outras regiões do Estado.



UM MUNDO DE CARROS PRA VOCÊ!

MAIS DE 3000 VEÍCULOS



www.autoshoppingglobal.com.br

(11) 4977-9000

Avenida dos Estados, 8.000 - Santo André

Horário de funcionamento:

Segunda a Sexta das 9h às 20h

Sábados das 9h às 19h, Domingos e Feriados das 10h às 18h



Gol 1.0 Flex
AC + DH + VTE - preto - 10/11
R\$ 26.900



Linea
Completo - cinza - 10/10
R\$ 36.900



Agile 1.4 Flex
Completo - vermelho - 11/11
R\$ 34.900



Civic LXL 1.8 Flex
Completo - cinza - 11/11
R\$ 49.900



New Fit LX 1.4 Flex
Completo - preto - 08/09
R\$ 36.900



Voyage 1.0
Completo - preto - 10/10
R\$ 28.300



Fox Trend 1.6 Flex
Completo - preto - 11/11
R\$ 33.900



Spacefox
Completo - prata - 10/11
R\$ 38.900



307 Hatch 1.6 Presence Flex
Completo - prata - 08/08
R\$ 26.900



Sportage EX 2.7 V6
Completo - prata - 08/09
R\$ 49.990



Idea
Completo + RLL + Som - cinza - 07/08
R\$ 27.900



C3 Exclusive 1.6
Completo + Couro - preto - 03/04
R\$ 19.990



Livina S 1.6
Completo + Couro - verde - 10/11
R\$ 33.990



C4 Pallas 2.0 Automático
Completo + Couro - preto - 07/08
R\$ 34.900



I30 GLS 2.0
Completo + Kit Conforto - prata - 11/11
R\$ 44.990



Kia Soul 1.6 EX
Completo + Som - preto - 10/11
R\$ 48.900



Sandero GT Line 1.6
DH + AC + Som Original - prata - 11/11
R\$ 32.900



Fiesta Hatch 1.0
DH + VTE + AL - azul - 10/11
R\$ 25.900



Ka 1.0 Flex
VTE - preto - 11/11
R\$ 20.900



Corsa Classic Life 1.0
Cinza - 08/08
R\$ 18.900

EXPEDIENTE

Publisher Responsável
Donizete Fernandes

Edição

Tuga Martins – MTb 19.845

Colaboradores

- Liora Mindrisz – MTb 57.301
- Roberto Barboza – MTb 17.692
- Shayane Servilha – MTb 68.513 • Tamyres Scholler
- João Schleder • Gabi Bertaioli
- Gabriel Clemente - MTB 46118
- Alexandre Poletto
- Wilson Moço - MTB 17681

Fotos

- Fernando Nonato

Revisão

- Professor Isaías Gomes de Lima

Editores Eletrônica / Designer

- Maysa Calmona

Comercial

- Márcia Henrique

Diretoria Executiva

Presidente - Cícero Firmino da Silva
Vice-Presidente - José Braz da Silva
Secretário Geral - Sivaldo Silva Pereira
Secretário Adm. e Financ. - Adilson Torres dos Santos
Primeira Secretária - Aldenisa Moreira de Araújo
Segundo Secretário - Osmar César Fernandes
Terceiro Secretário - José Ramos da Silva
Diretor Executivo - Elenísio de Almeida Silva
Diretor Executivo - Geraldo Ferreira de Souza
Diretor Executivo - Geovane Correia de Souza
Diretor Executivo - José Roberto Vicaria
Diretor Executivo - Joseildo Rodrigues de Queiroz
Diretor Executivo - Aldo Meira Santos
Diretor Executivo - Pedro Paulo da Silva
Diretor Executivo - Adonis Bernardes

Conselho da Diretoria Executiva

- Geraldo Alves de Souza • Manoel Severino da Silva • Wilson Francisco
- Edilson Martins • Rafael William Loyola • Bertoni Batista Beserra • Maria Andréia Cunha Mathias • Jeferson Carmona Cobo • Marcos Antonio da Silva Macedo • Joelma de Sales

Conselho Fiscal – Titulares

- José Edilson dos Santos • Claudinei Aparecido Maceió
- Claudio Adriano Fidelis • Conselho Fiscal Suplentes
- Altamiro Ribeiro de Brito • Marcos Donisete Felix

Comitê Sindical de Empresa

- Adair Augusto Granato • Anderson Albuquerque Brito
- Carlos Alberto Vizenzi • Carlos Roberto Bianchi • Clayton Aurélio Domingues de Oliveira • Cleber Soares da Silva • Gilberto Andrade de Lima • Givaldo Ferreira Alves • Hélio dos Santos • Jacó José da Rocha • Jânio Izidoro de Lima • Jessé Rodrigues de Sousa • José Moura de Oliveira • José Ramalho Guilherme Feitosa • José Ricardo da Cruz • José Romualdo de Araújo • Juscelino Gonçalves Ferreira • Lincoln Patrocínio • Lourenço Aleixo da Rocha • Luiz Fernando Malva Souza • Manoel Gabriel da Silva • Michele Raizer dos Santos • Nauró Ferreira Magalhães • Onésimo Teodoro da Silva • Otaviano Crispiniano da Rocha • Pedro Leonardo Rodrigues • Rossini Handley Apolinário dos Santos • Viviane Camargo

Impressão

Prol Editora Gráfica - Unidade Imigrantes - Av. Papaiz, 581
Diadema - SP - CEP 09931-610 - Fone: (11) 2169-6199
Tiragem: 10.000 exemplares

Contatos:

Fone: (11) 4438-7329
contato@revistarepublica.com.br
redacao@revistarepublica.com.br

A Revista República é uma publicação da RPB Comunicação em parceria com o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá.

EDITORIAL

Nesta data querida

Santo André merece mais que parabéns neste 8 de abril. O presente da cidade é pacote imenso de expectativas com a administração de Carlos Grana e o futuro dependerá do que moradores e governantes fizerem para o bem coletivo. O município compartilha bolo recheado de memórias doces e amargas, registradas em 460 anos de história. Mas, nem toda percepção da cidade mora em arquivos oficiais. Ícones cotidianos ilustram a paisagem urbana de maneira simples como o pipoqueiro João Salles, que há 52 anos estaciona o carrinho de guloseimas na Oliveira Lima, assim como hábitos rotineiros moldam traços comuns aos quase 700 mil habitantes. Esta edição da Revista República aproveita também para cumprimentar Ribeirão Pires e Riio Grande da Serra, aniversariantes de março.

A reportagem de capa oferece reflexão sobre os números da violência na região que, além das estatísticas aterrorizantes, representam prejuízos. Ou seja, a insegurança tem preço e é alto. A possibilidade de ter o veículo roubado ou furtado em ruas da região não deve ser desprezada. No ano passado, 20.693 veículos foram alvo nesses tipos de crime, média diária de 56,6. Não à toa, o valor dos seguros de automóvel é 40% mais caro que em outras regiões do Estado de São Paulo.

A edição não poderia deixar de dedicar algumas páginas às mães, que mesmo aturdidas pelas responsabilidades da vida contemporânea mantêm inviolado o estoque de amor aos filhos. Mas há pais que assumem e desempenham muito bem o papel, como Zé do Rádio, que se desdobrou para garantir a guarda dos filhos. Também há dicas de mimos para a data familiar.

Questões levantadas em edições anteriores voltam a alertar. Mais uma vez, o descaso sobre duas áreas verdes da região vem à baila: as chácaras Colúmbia, em Rudge Ramos, e Baronesa, na divisa de Santo André e São Bernardo. Por outro lado, mostramos a força de voluntários que frequentam hospitais vestidos de palhaço e promovem verdadeiros milagres. vale ainda degustar dicas de gastronomia do quiosque vegano em São Caetano ao alambique inusitado em Riacho Grande, além do Festival do Cambuci, em Santo André.



Donizete Fernandes
PUBLISHER

SUMÁRIO

CONJUNTURAIS

06 E 07

CARTAS

08

PALAVRA DE PRESIDENTE

10

ENTREVISTA

12 - 14

Rotary em mãos femininas

ECONOMIA

15

Condomínio tecnológico

MERCADO

16 e 17

Vida de oficial de justiça

NEGÓCIOS

18 e 19

Modernidade gráfica

CIDADES

20 a 26

Parabéns Santo André
Ribeirão faz anos
Mauá mais bonita

POLÍTICA

27 a 29

Conexão com o governo
federal
Cem dias de administração

CAPA

30 a 35

No limite da insegurança

MEIO AMBIENTE

36 a 42

Multa por poluir
Será que vira parque?
Chácara Colúmbia

COMPORTEAMENTO

43 a 47

Quando pai vira mãe
Herança materna
Tons polêmicos

INCLUSÃO

48 a 50

Sorriso nos hospitais

TALENTOS

51 e 52

Dos gramados ao ouro

BELEZA

53

Técnica carbox

SAÚDE

54 e 55

Jovens doadores

SINDICAL

56 a 65

Sindicalismo em fotos

Dia Internacional da Mulher

Homenagem aos aposentados

História Viva

Gente Nossa

CULTURA

66 a 69

O rap de Preto WO
Tradição catalã
Maranfusca

DECORAÇÃO

70

Charme das varandas

GASTRONOMIA

71 a 74

Festival do Cambuci
Alambique depois da balsa
Sabores do Meio Natural

MODA

75

Lenços para o outono

CONSUMO

76 e 77

Presentes para o Dia das
Mães

ESPORTES

78 a 82

Projeto Tigrinho
TV Ramalhão
Sucesso do MMA



Água em risco

A Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) vai investir cerca de R\$ 100 milhões em obras de ampliação e melhoria da Estação de Tratamento de Água (ETA) Rio Grande, na Represa Billings, em São Bernardo. A capacidade será ampliada em 14,58%, de 4,8 metros cúbicos por segundo para 5,5 metros cúbicos por segundo. A Billings completou 88 anos em 27 de março e excessivos desmatamentos, ocupações e assoreamentos de nascentes, rios e braços da represa não só reduzem como põem em risco a capacidade de abastecimento da região, que até 2015 poderá estar comprometida. O braço Rio Grande abastece 1,6 milhão de pessoas.

Quando foi criada em 1930, a Billings tinha capacidade de recarga de 33 mil litros de água por segundo. Hoje essa capacidade caiu para 12 mil litros de água por segundo.

Temos vaga

Santo André é quinta cidade que mais gera emprego no Estado de São Paulo. O levantamento do Caged, apontou que a cidade teve saldo positivo, considerando contratados e demitidos. São Paulo lidera o ranking com balanço de 14.604, seguido por Guarulhos 2.555, Franca com 2.353 e Campinas com 1.703. Das cidades da região, São Bernardo é a segunda cidade que mais criou postos de trabalho, ainda sim na 36ª posição, com total de 376 vagas criadas. Os setores que mais contrataram foram os de serviços, com 1.121 vagas, e a Indústria de transformação, com cerca de 354 vagas.



Será que fica em pé?

A prédio da Câmara dos Vereadores de São Bernardo, conhecido como Anexo II, inaugurado em 2009 que demandou investimento de R\$ 35 milhões, já apresenta problema estruturais. Em março, o atual presidente da Câmara, Tião Mateus (PT), convocou a Construtora Ubiratan, responsável pela obra, para realizar reformas necessárias como reparar rachos e até problemas na fiação de telefone e elétrica. Sem estar completamente pronta, outra parte do prédio, recém-inaugurada, mas ainda precisa ser concluída. O plenário do Legislativo já está funcionando, porém o prazo para que tudo seja entregue terminará em junho.

Hermano Francisco

A expressão habemus papam percorreu sites e redes sociais no dia 13 de março, incluindo a conta oficial do Vaticano no microblog Twitter. No Brasil, a hashtag FumaçaBranca ficou em primeiro lugar entre os tópicos mais comentados. Fiéis de todas as partes do mundo acompanharam o segundo dia de votação que determinou o fim do conclave.

O nome do cardeal brasileiro Dom Odilo Scherer chegou a ser cotado como um dos favoritos na mídia internacional, mas foi o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, 76 anos, o escolhido a ser o 266º Sumo Pontífice da Igreja Católica.

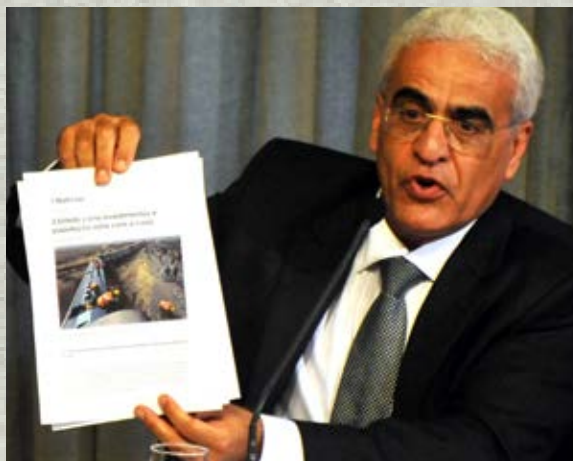
O primeiro papa jesuíta e latino-



-americano da história, confirmou através do porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi que virá ao Brasil. A 38ª Edição da Jornada Mundial da Juventude agendada entre 23 e 28 de julho no Rio de Janeiro será o primeiro compromisso no exterior do papa que fala sete idiomas, incluindo o português.

Próxima estação

Durante reunião com o secretário de Transportes Metropolitanos de São Paulo, Jurandir Fernandes, realizada em 20 de março, o prefeito de São Bernardo, Luiz Marinho (PT), reiterou a importância de incluir na primeira fase de obras da futura Linha 18-Bronze do metrô, a construção de mais uma estação. Em vez de terminar no Paço Municipal, o projeto contemplaria a extensão até a Djalma Dutra. O novo ponto vai ficar na avenida Faria Lima, no futuro cruzamento do eixo Leste-Oeste do corredor de ônibus que será construído na cidade e que vai fazer a integração do Jardim Irajá até a divisa com Diadema.



Faixa Dourada

A Confederação Brasileira de Judô (CBJ) tem objetivo ousado: tornar-se a maior potência mundial na modalidade em no máximo oito anos. Parte desta meta pode passar por Santo André. É que a cidade acaba de apresentar o projeto Faixa Dourada. Além de dar oportunidade para

crianças e jovens praticarem judô, a iniciativa detectará novos talentos para o esporte. Serão 100 alunos divididos em três categorias: infantil (9 a 10 anos), infanto-juvenil (11 a 12) e pré-juvenil (13 a 14). Equipes masculinas e femininas de alto rendimento também terão toda estrutura de treinamento. “Queremos ampliar o número de atletas com representação esportiva e massificar o esporte em escolas particulares e municipais, clubes e associações”, disse o prefeito Carlos Grana.



SENSIBILIDADE

Olá, caros amigos da RR,

Parabenizo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá, Cícero Martinha, pelo melhor comentário sobre a tragédia que ocorreu em Santa Maria, publicado em toda a mídia. Simplificou dor, raiva e emoção que nós, brasileiros, sentimos em relação ao acontecido. Mas que isso, Palavra de Presidente traz simples medidas que podemos adotar antes que tragédias maiores aconteçam.

Obrigado por alertar a população com a matéria de cidades que retrata o abandono do Teatro Carlos Gomes e do estádio Bruno Daniel. Precisamos buscar respostas das autoridades para esse problema que merece cuidado. Espero que Carlos Grana foque medidas para resolver o que a gestão anterior tratou com descaso.

Wagner Pizonne
Morador de São Bernardo

SEGURANÇA NÃO É BRINCADEIRA



Boa

Gostaria de parabenizar a Revista República, pelo excelente trabalho que vem desenvolvendo em sua trajetória.

Destaco assim, a matéria da última edição: "Por trás dos tapumes", que vem destacar o caos vivido na indústria da construção civil e que muitos não veem.

A economia vem se aquecendo e impulsionando o mercado da construção. Mas nem tudo é maravilhas, apesar de gerar muitos empregos

temos condições de trabalho precárias, como mostra a reportagem com a falta de segurança, higiene, acomodações, alimentações, transporte entre outros fatores.

Um ponto que me chamou muito a atenção na matéria, é a parte do qual vem mostrar os gastos com a paralisação de uma obra, por falta das condições de trabalho, e que gastar com segurança e melhores condições como consta nos termos da portaria 3214 de 1978 (famosas Normas Regulamentadoras - NRs) acaba sendo apenas 20% do valor de um paralisação. Segurança não é apenas uma brincadeira dos Técnicos em Segurança do Trabalho, e sim uma necessidade das obras e que empresários não veem.

Luis Paulo Junqueira
Técnico em Segurança do Trabalho,
e Estudante em Engenharia de Produção.

Diante da morte do operário, soterrado em obra no Aeroporto de Viracopos, o presidente da CNTIC, Admilson Oliveira disparou: "Segundo a matéria publicada na Revista Republica, a indústria da construção combina sangue e areia".

Admilson Oliveira



CHÁCARA DA BARONESA

Quero parabenizar a Revista Republica pela matéria sobre a Chácara Baronesa. A reportagem traz informações importantes sobre esta área verde localizada na divisa entre Santo Andre e São Bernardo, que infelizmente vem sofrendo diversas agressões ao longo dos anos.

Ao ler a matéria, eu que já tinha conhecimento do problema, passei a refletir sobre o que poderia fazer a respeito e em conversa com um grupo de munícipes que assistiam uma das sessões da Câmara, decidi propor a realização de uma audiência pública para discutir o problema e as possíveis soluções para que possamos preservar a Chácara Baronesa.



Parabéns à equipe.

Eduardo Leite
Vereador de Santo Ambré/SP

Muito interessante a notícia divulgada desta revista (capa com prefeito Carlos Grana). Parabéns ao Roberto Barboza, que elucida os problemas citados sobre a Chácara lindíssima da Baronesa.

Por isso quero me engajar nessa campanha de proteção e conservação do local.

Preciso portanto entrar em contato com a administração do parque para dialogarmos de como podemos dar ideias e minimizar o pulmão daquela área. É dever de todos nós participarmos.

Vida é o que o parque exala e precisamos disto.

Grato
Orlando Silva
Representante do Conseg local

Obrigada Roberto! A matéria ficou excelente! Retrata com realidade o problema e com certeza, muito contribui para a divulgação da proposta de instalação do Parque da Baronesa, de sua preservação e o ganho ambiental que representa! Parabéns!

Vera Rotondo



Escreva para a REVISTA REPÚBLICA pelos e-mails:

contato@revistarepublica.com.br ou
redacao@revistarepublica.com.br

Criatividade.



Experiência.



Qualidade.



Resultado.

Evento é isso.



Agência Memories.

www.memories.com.br

55 11 2199-2299

Que educação queremos?

Cícero Martinha

Educação é parceira do conhecimento, principal fonte da inovação, que está diretamente envolvida nas mudanças da sociedade e da economia. Desenvolvimento é reflexo da capacidade de mudar e educação tem papel central na atual sociedade do conhecimento. Mas a contundente prática neoliberal tem atribuído outros contornos ao tema, explícitos no indicador que atribui ao desenvolvimento o adjetivo humano.

Temos de evitar que a ligação entre educação e desenvolvimento seja fantasiosa, a ponto de acolher expectativas excessivas, em particular quando vista setorialmente, ou quando reduzida a mera manipulação do conhecimento para fins de competitividade ou, pior, eleitoreiros.

Na prática, educação é convocada como estratégia central da competitividade, no contexto da globalização fortemente marcada pela lógica do

conhecimento. Mas a capa do conhecimento pode camuflar a tecnologia da dominação, embora seja de que não há como fugir do fato de que, para ser competitivo, é mister saber pensar, usar o conhecimento com criatividade extrema, inovar de modo permanente e sistemático, e que isto depende, em grande parte, da educação.

Para conseguir emprego ao menos razoável, o trabalhador precisa se educar de forma permanente. Mas como a economia competitiva não é voltada à criação de emprego, mas apenas para a contínua e crescente produtividade, a educação acaba envolvida neste processo e produz novo efeito seletivo. Ou seja, somente os que têm acesso à melhor educação têm melhor oportunidade e as melhores remunerações. O principal risco da chamada educação profissional é criar nova cisão social e pesadas limitações à conquista de igualdade de diretos.

Mas educação ainda é o fator mais estratégico para o desenvolvimento. A presidenta Dilma Roussef venceu na Câmara Federal a batalha de financiar as metas do novo Plano Nacional de Educação (PNE) com porcentagem das riquezas produzidas pelo país, os inéditos 10% do PIB. Falta ainda passar pelo crivo dos senadores. Projetos como piso nacional para o magistério, criação de creches noturnas, regulamentação do ensino domiciliar entre outros deveriam ganhar mais espaço nas ordens do dia do Congresso.

Como diz o senador Cristovam Buarque, não existe grupo de parlamentares engajados em melhorar a qualidade da educação. No máximo, Brasília tem meia dúzia de gatos pingados simpáticos ao tema. Não há pressão da sociedade a exemplo dos produtores rurais. Será que é porque criança não vota? Ou educação é mais um critério de vantagem eleitoral? ■

Mario Cortivo



Cícero Martinha é presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá.
e-mail: cicero.firmino@yahoo.com.br



UM MUNDO DE CARROS PRA VOCÊ!

MAIS DE 3000 VEÍCULOS



www.autoshoppingglobal.com.br

(11) 4977-9000

Avenida dos Estados, 8.000 - Santo André

Horário de funcionamento:

Segunda a Sexta das 9h às 20h

Sábados das 9h às 19h, Domingos e Feriados das 10h às 18h

Benemerência de **mãe para filho**

*Presidenta do Rotary Inesita Awada
passará comando da entidade ao filho*

Mario Cortivo

Shayane Servilha



A tradição rotariana demorou para acolher mulheres no trabalho da entidade, mas acabou se rendendo ao pragmatismo e eficiência das voluntárias que acompanhavam os maridos nas tarefas de benemerência. Hoje, sob o comando de Inesita Awada, o Rotary Club de Santo André testemunhará mais uma ação pioneira: além de ser a primeira mulher presidente da entidade depois de 62 gestões masculinas, Inesita irá entregar o cargo em junho deste ano para o filho Marcelo Awada. Aos 75 anos, com muita vitalidade e bom humor assumirá Associação de Famílias de Rotarianos do Rotary.

Revista República - Como conheceu o Rotary?

Inesita Awada - Meu marido, Rubens Awada, entrou no Rotary em 1969 e sempre participei, mesmo que de longe. Como ele trabalhava bastante, acabei ajudando em alguns trabalhos e me introduzi nessa obra beneficente tão maravilhosa que o Rotary realiza. Poucos sabem da obra que o Rotary realiza.

RR - Quais são essas obras?

Inesita Awada - Nossas principais obras são Casa da Esperança de Santo André, Corpo de Patrulheiros Mirins Santo André, Apae de Santo André e Associação Projeto Crescer do ABC. Todas ajudam no desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos na educação e na saúde. Além disso, temos a Associação de Famílias de Rotarianos do Rotary Club de Santo André, que é composto pelas mulheres rotarianas que trabalham o ano inteiro com materiais doados para fazer um bazar no fim do ano. Toda verba arrecadada distribuimos para as instituições que mais precisam.

RR - Qual é a que mais precisa de ajuda atualmente?

Inesita Awada - Apesar de ser mais conhecida na região, a Apae é a que mais tem necessidades. São 420 crianças para serem atendidas por mês. A manutenção é a mais cara pelo tamanho e pela quantidade de funcionários que temos. O custo com professores, que são especializados, é grande pois são altamente capacitados e precisam receber bem.

RR - Como foi ser a primeira mulher a assumir o Rotary de Santo André?

Inesita Awada - Desde quando foi fundado, é difícil mulher entrar no Rotary, mas depois que entra é algo normal. Todos têm mulheres que participam ativamente. Foi uma mudança neces-

sária. O Rotary é uma instituição muito antiga e muito tradicional, fundada no tempo em que mulher não exercia cargo executivo como hoje. Quando as mulheres entraram, os membros perceberam

Apae de Santo André é entidade que mais tem necessidades, com 420 crianças a serem atendidas por mês

que só somamos e agregamos mais. Foram 62 gestões masculinas antes de mim, isso mostra o tradicionalismo do homem no comando.

RR - O que mudou nessa gestão feminina?

Inesita Awada - Não mudou tanto em relação a compromisso e qualidade. Hoje a mulher cumpre perfeitamente cargos de alto nível com a mesma eficiência que os homens. É o presidente que leva o clube e mostra o trabalho que realizamos, então hoje eu faço isso com um jeito que só a mulher conhece. Conheci todos eles, principalmente os mais atuais que fui como mãe para eles. Tudo o que precisavam estava à disposição porque independentemente de quem seja o presidente, o Rotary não pode parar. E hoje são eles que me ajudam. Ser presidenta aqui foi o mesmo que dirigir minha casa, não tive problema nenhum. Nessa minha gestão consegui segurar bem a peteca.

RR - Quando termina sua gestão?

Inesita Awada - Eu saio no dia 12 junho para dar lugar ao meu filho. É a primeira vez na história do Rotary que a mãe passa a presidência para o filho. Estou honrada em poder passar esse cargo. Tenho certeza que ele vai fazer uma excelente gestão. E estarei à disposição para qualquer coisa. E se ele não fizer um bom trabalho eu puxo a orelha dele.



RR - *O trabalho social sempre esteve presente na sua vida?*

Inesita Awada – Sim. Nasci com isso. Sempre fui uma criança que queria fazer, ajudar e ensinar. Devo muito ao meu pai, que sempre ajudava os amigos, fazia festa em instituições. Esse dom de servir veio de berço. O incentivo da família e o amor dos amigos fazem a gente querer que as pessoas estejam bem. Morava na Vila Luzita e ali vi as necessidades que as pessoas tinham. Meu apelido era Deus Ihe Pague porque sempre ajudei o pessoal o máximo que podia. Ver as pessoas precisando de algo me deixava mal e fazia de tudo para que ela tivesse o problema resolvido.

RR - *A senhora já passou por alguma dificuldade?*

Inesita Awada – A maior dificuldade foi criar os filhos e trabalhar ao mesmo tempo. Tive um câncer de mama, por conta do qual me deram apenas mais três meses de vida. E isso faz 17 anos. Quando passei pelo susto pensei comigo: o plano espiritual me deixou aqui por alguma coisa, não foi por nada. E o que eu iria fazer? Comecei ir para faculdade e passei a cuidar de criança com câncer na Faculdade de Medicina do ABC. Eu faço por prazer e sinto que estou viva hoje para isso. Se eu parar vou ter de ir para psicólogo e tomar remédio. Ajudar o próximo que passa por grandes dificuldades é o melhor remédio. A depressão do mundo é a falta de olhar com amor para o próximo e ver que o nosso problema é ínfimo. Quem tem saúde, família e amigos tem tudo.

RR - *Como é feita a captação de recursos para as instituições?*

Inesita Awada - É até engraçado, mas antes os comerciantes sempre se escondiam de mim porque sabiam que eu pedia ajuda para a comunidade com os produtos que vendiam. Hoje, me procuram e pedem conselhos em qual instituição investir. Não só os comerciantes, mas políticos e cidadãos. A confiança deles é tanta que sou captadora de recursos. Temos também intercâmbio entre os Rotaries das cidades, que é muito bacana. Se uma instituição precisa de leite, ligo para outro Rotary e troco com feijão que está sobrando. Essa parceria tem dado muito certo e é de extrema importância. Uma mão lava a outra.

RR - *Como é a participação do poder público?*

Inesita Awada – Esperamos que ajudem mais. Como pode uma verba para instituições como a Apae ficar sem reajuste? Simplesmente não pode acontecer uma coisa dessa. A gente precisa da mão do poder público. É um rotariano, porque o dever é servir a população. Os políticos têm de se doar mais no que estão fazendo. A grande mudança que precisamos precisa começar por eles. O poder público tem de ser exemplo, tem de cumprir leis e ser responsável pela população. As pessoas que trabalham com entidades sabem dos problemas do país, sabem o que precisa para melhorar. Independentemente de partido, precisamos dessa parceria para que haja melhoria de vida das pessoas carentes. ■

Mario Cortivo

Apoio feminino: trabalho de Inesita é referência para voluntárias



Hora de resgatar a Ilha de Prosperidade

Expectativa do Itescs é gerar mais de dois mil postos de trabalho em São Caetano e afastar tendência de cidade-dormitório

Gabi Bertaiolli

A inclusão do projeto de Condomínio Tecnológico, desenvolvido pelo Instituto de Tecnologia de São Caetano do Sul (Itescs) na lista de prioridades da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do município, é passo decisivo para devolver à cidade status de Ilha de Prosperidade da região. O empreendimento é vital para definir nova vocação econômica, a qual trará recursos necessários para que São Caetano reverta a tendência de se transformar em cidade-dormitório. “Já temos outros órgãos vitais em atividade, como o próprio Itescs, a Incubadora de Empresas de São Caetano do Sul (Incube), o Arranjo Produtivo Local (APL) de São Caetano e região, as entidades de ensino Mauá, USCS, Fatec, entre outras, e empresas consumidoras de tecnologia dos mais diversos portes”, afirma o presidente do Itescs, Renato Grau.

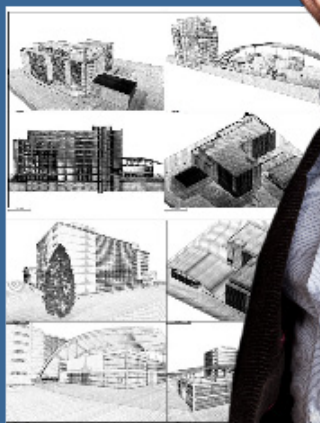
Em contrapartida pela cessão do terreno pelo poder público, o Itescs oferece incremento na geração de tributos como ISS (Imposto Sobre Serviço) e a gestão inteligente na prestação de serviços públicos, além da retenção de profissionais qualificados. “O apoio do poder público evita a tendência de especulação imobiliária pelo setor privado. Não pleiteamos a redução de impostos abaixo dos 2% determinados pela legislação, como ocorre em outros municípios que atraem investidores pela diminuição de alíquotas. Somos pela manutenção dos indicadores sócio-econômicos”, defende o empreendedor.

des empresas de TI, companhias internacionais de grande porte que vêm sendo chamadas de âncoras, por abrigarem até dois mil funcionários cada. Além disso, a previsão é dobrar o número de pequenas e médias empresas do setor associadas ao Itescs por meio da visibilidade no futuro conglomerado. O atrativo aos empreendedores seria a redução de 20% a 30% dos custos – em média – pela sinergia do negócio. Sem levar em conta o terreno, o investimento na obra gira em torno de US\$ 50 milhões a US\$ 100 milhões.

Alguns acordos já foram firmados com o Itescs para troca de experiências, aproveitamento de mão de obra e aproximação entre fornecedores e consumidores de TIC. Destaque para Abes (Associação Brasileira das Empresas de Software), BandTec (Faculdade de TI do Colégio Bandeirantes de São Paulo) e a Aciscs (Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul).

Divulgação

*Renato Grau:
empreendimento é vital
para definir nova
vocação econômica*



SINERGIA ECONÔMICA

A estrutura contempla a realização de eventos de tecnologia e dispõe de sistema inteligente de comunicação, DataCenter e instalação de uma a duas gran-



Categoria unida: oficiais de justiça apresentam reivindicações em assembleia

Profissão de **r**isco

Alexandre Poletto

A música Despejo na Favela, de Adoniran Barbosa, descreve bem o cotidiano dos oficiais de justiça, ainda que o foco seja sobre a história de personagem que morava na comunidade e teve de deixar a casa onde vivia.

Não importa dia, o horário e ocorrido, oficiais de justiça têm de executar efetivamente as de-

terminações do juiz. Mas nem sempre isso é possível. Relatos de situações perigosas são muitos e a cada caso, os profissionais levantam a questão da falta de segurança.

“Se você entrar numa comunidade acompanhado da polícia, você terá de fazer isso sempre. Caso contrário, você entra e não volta, fica marcado”, a declaração

é de Almir Ribeiro, oficial de justiça há 33 anos e um dos diretores da Associação dos Oficiais de Justiça do Estado de São Paulo (Aojesp). Ribeiro se considera homem de sorte, mas relembra casos de colegas que passaram por experiências de risco. “Um oficial da Vara da Infância foi cumprir mandado e acabou sendo sequestrado, teve dinheiro sacado

da conta, mas conseguiu fugir”.

O número de oficiais atuantes no estado de São Paulo chega a 5.572, segundo levantamento do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP). Em média, o profissional chega a entregar de 15 a 20 ofícios por dia, dependendo da área. Não faltam relatos sobre falta de equipamentos de segurança e uso de carro pessoal para exercer a profissão.

Maria de Lurdes, nome fictício de profissional que preferiu não se identificar, revela um outro problema: burocracia. “Quando necessitamos de apoio policial, é necessário solicitar com cinco dias de antecedência para cumprir o mandado. Mas, se o ofício é urgente, ligamos para o 190, assim como a população, e solicitamos. As vezes os policiais não aparecem”, afirma. Em relação ao uso do carro, o problema é geral e se repete nos fóruns espalhados pelo estado, mas se depender de oficiais, a solução pode ser dada pelo governo, o uso de viatura específica para o cumprimento da função.

Se depender da Aojesp, os problemas relatados serão solucionados. A entidade levantou a bandeira da segurança e do aumento salarial há alguns anos e realiza diversas tentativas para negociar melhorias. Yvone Moreira, presidente da entidade, lembra que o problema acomete os 27 estados e que a mudança pode demorar para acontecer. “O Poder Judiciário não funciona porque não é conveniente aos desembargadores”, dispara.

RECEPÇÃO À BALA

O caso mais recente envolvendo oficial de justiça aconteceu em outubro do ano passado, quando levou tiro ao entregar ofício de interdição judicial para internar rapaz esquizofrênico. Com a cober-

tura dada ao fato, a associação levantou a discussão do descaso com os oficiais.

Em petição realizada no final de 2012, a Aojesp enviou ao Tribunal de Justiça do Estado novo pedido de segurança alertando sobre os problemas enfrentados. O documento enuncia: “... não temos visto providências em relação aos profissionais que, efetivamente, enfrentam o perigo em virtude de sua função. Existem centenas de pedidos protocolados no tribunal, na Corregedoria Geral, que se tivessem, pelo menos, a atenção dos desembargadores, poderiam prever mortes, acidentes fatais e tiroteio contra oficiais de justiça, situações que recebem mais aten-

ção da mídia do que do próprio empregador”.

O presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), o desembargador Ivan Sartori, disse que se preocupa muito não só com a segurança, mas com todas os outros assuntos afetos à profissão. Desde que assumiu a presidência, em janeiro de 2012, já recebeu diversas vezes os representantes das entidades dos oficiais de justiça, que levaram demandas e reivindicações. O Tribunal tem analisado e procurado atender da melhor maneira possível. A própria lei determina que quando o oficial de justiça percebe algum perigo pode solicitar ao juiz o acompanhamento policial. ■

Fernando Nonato



O valor da boa impressão

*Experiência em empregos anteriores
foi o diferencial para Emerson Oliveira Santos
abrir o próprio negócio*

Shayane Servilha



Ainda com 14 anos, Emerson Oliveira Santos começou a trabalhar com comunicação visual com o tio Claudino. Mesmo com a experiência, decidiu cursar Administração e aflorou o espírito empreendedor e, enquanto amigos sonhavam em trabalhar em grandes empresas, Emerson pensava em abrir o próprio negócio e, há quatro anos, estruturou a Arte Comunic Brasil.

“Desde pequeno sempre pensei em ter meu negócio. Mas antes disso, trabalhei em outras empresas para poder adquirir experiência. Trabalhei com vendas até chegar ao gerenciamento geral. Passar por todas as fases dentro de uma empresa foi o diferencial para conseguir montar meu empreendimento”, conta.

A Arte Comunic Brasil atua em impressão digital, envelopamento de veículos, fachadas, pla-

Fernando Nonato

*Alta definição: impressora é
menina dos olhos da empresa*



Fernando Nonato

cas, banners, projeto de sinalização, controle, visual, sinalização de frotas e recorte eletrônico. “Quando comecei no ramo, a produção era manual, mas com a revolução digital, o trabalho ficou mais exigente. E quem trabalha nessa área precisa se atualizar sempre para atender às expectativas do cliente da melhor forma. Os profissionais que atuam em comunicação visual passaram a se profissionalizar para encarar os desafios”, diz Emerson.



Emerson Santos: mais dinamismo e ousadia em projetos gráficos

A era digital inspirou Emerson a investir em impressora de alta definição e recorte, que dá mais autonomia ao negócio. “Trata-se de equipamento top no mercado, a menina dos olhos da empresa. Fizemos reforma especialmente para acomodá-la. A máquina nos dá mais dinamismo e podemos ousar mais nas ideias. Com a impressora posso fechar trabalhos maiores”, comemora.

Mesmo começando com uma boa carteira de clientes, Emerson revela que a maior dificuldade em abrir a empresa foi a parte financeira. “É necessário um planejamento a curto, médio e longo prazo. A questão financeira é o ponto que faz a pessoa entrar na zona do medo para abrir o próprio negócio. Mas a certeza que eu tinha era maior e foi por isso que achei a hora certa e investi”, diz.

Emerson Santos não esconde que um dos segredos de sucesso da empresa é a parceria que mantém com os funcionários. “É uma área que precisa ter parceria. As melhores histórias decorrem da cumplicidade entre mim e os colegas. Os clientes pedem muitas coisas de um dia para o outro e tive sorte de ter equipe que entende o processo e sempre está disposta a colaborar com a empresa”, orgulha-se. ■

Feliz cidade

Histórias não documentadas ecoam autêntico coro de parabéns pelos 460 anos de Santo André

Gabi Bertaiolli

Conhecer uma cidade vai além de circular pelas ruas, visitar prédios históricos e monumentos, ou se encantar com recursos e belezas naturais. É a voz popular cotidiana que assina retrato mais autêntico. Com aproximadamente 700 mil habitantes, Santo André tem histórias que não estão documentadas ou oficialmente arquivadas, mas que pulsam na memória e ajudam a assoprar as 460 velinhas no aniversário do município.

Andreenses de nascimento ou coração colecionam hábitos que moldam estilo de vida único na região. O

tempo passa, os lugares mudam de nome, mas na fala rotineira os moradores se situam a partir de ícones que nem sempre são reconhecidos como marcos históricos. Muitos continuam a comprar na Baleia, atual loja do Extra Ipiranguinha, passear no Mappin, atual Shopping ABC, ou caminhar no Parque Duque de Caxias e Clube da GE, renominado Parque Celso Daniel. Os mais antigos chegam a dizer que vão a Santo André quando saem dos bairros em direção ao Centro.

O paladar também é consenso e alguns quitutes, há gerações, ajudam a construir a história da cida-

Fernando Nonato



de como o filé a parmegiana da Rosa's Churrascaria, na rua Natal; a pizza de mussarela da Padaria Central, na avenida Coronel Fernando Prestes, e o sonho da Padaria Brasileira, atualmente com várias unidades na cidade e região. No assunto compras, o lugar certo ainda é o calçadão, rua Coronel Oliveira Lima, e nos esportes, além do Ramalhão, andreense que se preze se apropria das antigas glórias do time de vôlei da Pirelli.

Na cidade, anônimos também são referências. Pipoca de canjica doce e salgada, de arroz e de macarrão, bem cor-de-rosa iluminam o coração do comércio de rua de Santo André. O catanduvense João Salles, há 52 anos estaciona o carrinho de guloseimas na Oliveira Lima, em canto protegido da chuva e do sol. O pipoqueiro recorda da época em que ônibus circulavam por onde hoje caminha o que chama muita gente estranha. “Antes o comércio era só aqui mesmo, então você acabava conhecendo as pessoas e fazendo amizades. Aos sábados, o movimento era uma beleza. Hoje a freguesia já não é mais a mesma”, resmunga.

Nem o trajeto de quase 40 minutos da sua residência, no Jardim Cristiane, até o calçadão desencorajam João Salles a encarar a jornada de trabalho das 12h às 18h30, de segunda-feira a sábado, sem folgas. “Minha esposa Irene também me ajuda aqui. Então, sempre trabalho com amor. Se não for assim não vale a pena”. Com sorriso largo e bom relacionamento com os demais comerciantes, Salles diz não ter do que reclamar da vida, guardando apenas boas lembranças de tudo que viveu e ainda vive em Santo André. “O Carnaval era muito bom. Alto-falantes aqui na rua. O desfile era aqui, depois foi para a avenida Portugal. Sábado era o melhor dia”.

Nos últimos 75 anos, a rotina



João Salles: guloseimas na Oliveira Lima

Fernando Nonato

do alfaiate italiano Sergio Varuzza se dá entre tesouras, máquinas de costura, réguas, moldes de papel, ferros de passar e colcha de retalhos. Aos 87 anos, ainda tira medidas, recebe encomendas e entrega a roupa totalmente pronta ao cliente. Atende desde 1929 no mesmo endereço: avenida José Caballero, 369, Centro, em Santo André. Varuzza viu a cidade se transformar. “Eram meia dúzia de casas na avenida Lino Jardim. Inúmeras chácaras em ruas sem pavimentação. No lugar da Prefeitura existia a chácara dos Barros e onde é a Escola Estadual Dr. Américo Brasileiro era a chácara dos Suplicy. Tudo era diferente”, detalha.

A adolescência foi marcada por

brincadeiras de rua: rodar pião, jogar fubeca, empinar papagaio e também tomar água do rio. “Consegui comprar o meu primeiro automóvel em 1949. Era um Dodge 1942 e me diverti muito naquela época”, recorda. O alfaiate não consegue esconder o orgulho de ter confeccionado peças para importantes nomes da política e da história da região, como o fundador do Hospital Nardini, em Mauá, Dr. Nardini; o ex-prefeito de Santo André, Fioravante Zampol, e o ex-deputado federal Duílio Pisaneschi. “A procura por alfaiataria caiu muito nas últimas décadas, mas alguns clientes ainda são fiéis ao meu trabalho”.

Todos os dias, nos últimos 50

Santo andré em números

População: 679.933 habitantes

Grau de urbanização: 100%

Taxa de natalidade: 13,18 por mil habitantes

Taxa de mortalidade infantil: 12,09 por mil nascidos vivos

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): 0,835

Área total: 175,781 km²

Distância de Santo André para a Capital: 18 km

Eleitores: 552.742 habitantes

Lixo coletado: 100%

Esgoto: 96%

Água: 100%

Praças e Áreas Verdes: aproximadamente 549

Parques municipais: 10



Sergio Varuzza: memórias na medida certa

anos, foram regados com muita palhaçada. Isso porque, desde os 10 anos, o andreense Carlos Ochinsk Cavadinha, começou a seguir a tradição da família e se tornou o palhaço Fubeca. “Meu pai participava de show de calouros que acontecia aos domingos no Clube da Rodhia. Levava eu e o meu irmão para ver e participar com ele das mágicas e brincadeiras”. E não faltaram palcos para as apresentações. “Fiz muita festa em porta de loja no calçadão da Oliveira Lima, shows no complexo esportivo Pedro Dell’Antonia e nos clubes da cidade”. Entre uma risada e outra, lembra ter conhecido o jogador de vôlei aposentado Antônio Carlos Moreno entre outros.

E a relação do palhaço com o clube da Rodhia ficou ainda mais forte com o passar dos anos. “Foi lá que eu me casei há 35 anos. Portanto, só tenho recordações boas, não só das brincadeiras de infância, como da vida adulta, pena que não existe mais”. O tempo passou e o espetáculo ganhou reforço do filho de Fubeca: o Fubequinha, Vandriano Sá Cavadinha. “Está na veia, não tem jeito. A família permanece unida, não só no trabalho. Desde pequeno, gostávamos de passear pelo Clube de Campo, jogar bola na rua Paissandú”, completou Fubeca sempre irreverente. ■

Divulgação



Fubeca e família: muita festa em porta de loja

Serviços Essenciais

Saúde

Hospitais municipais: 2 – Centro Hospitalar Municipal e Hospital da Mulher

Hospitais estaduais: 1 – Hospital Estadual Mário

Covas

Urgência e Emergência: 3 Pronto Atendimentos e 3

Unidade de Pronto Atendimento

Unidades Básicas de Saúde: 34

Unidades Básicas de Saúde com agentes comunitários de saúde: 7

Unidades Básicas com estratégia Saúde da Família: 12

Atenção Especializada: Cinco Caps, 14 Centros de Referência e Especialidades

Apoio diagnóstico e terapêutico: 8

Vigilância à Saúde: Departamento de Vigilância à Saúde e Centro de Controle de Zoonoses

Números de leitos municipais: 421

Números de leitos estaduais: 235

Educação

Escolas particulares: 122 de educação infantil e 85 de ensino fundamental

Creches municipais: 31

Creches conveniadas: 18

Emeiefs (Escolas Municipais de Educação Infantil e

Ensino Fundamental): 51

Alunos (total) da rede: 29, 5 mil

Educação de Jovens e Adultos: 2,5 mil em atendimento

Centros de Educação de Santo André: 5 unidades

Atendimentos nos CESAs: 650 mil (2010)

Taxa de analabetismo: 2,78%

Transporte Público

Linhas municipais: 48

Linhas intermunicipais: 63

Passageiros por dia - Linhas municipais: 214.500 em média

Economia

Indústrias: 2.527 (*)

Comércios: 21.292 (*)

Serviços: 36.397 (*)

População economicamente ativa: 324.787 trabalhadores (**)

Taxa de desemprego: 9,4% (ABC)

(*) Fonte: Gerência de Planejamento Tributário / PSA

(**) Fonte: SEADE

Fonte: Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Santo André



Tem castelo e muito mais

Estância de Ribeirão Pires comemora 59 anos de emancipação política com investimentos em turismo e lazer

Gabriel Mazza

Tamyres Scholler

“Ninguém ama essa cidade como eu”, declara o violonista profissional e pesquisador indígena Robson Miguel, que escolheu morar em Ribeirão Pires pela riqueza histórica e qualidade de vida, somadas à proximidade com São Paulo e litoral. Depois de visitar a Europa e conhecer mais de 70 castelos, Robson construiu o próprio na cidade.

Há 15 anos, com status de Estância Turística, a cidade completou, em 19 de março, 59 anos de emancipação política administrativa, embora a ci-

dade acolha vestígios históricos de há quase três séculos. Passagem obrigatória para quem ia e vinha de Santos desde o século 16, a região era incorporada a São Paulo de Piratininga e conhecida pelo nome de Caaguaçu (mata grande em tupi). A Capela de Nossa Senhora do Pilar foi inaugurada em 25 de março de 1714 e marcou o início do processo de povoamento da região. Em quase 300 anos de existência é a casa religiosa mais antiga do ABC e o único patrimônio da cidade tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,

Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat).

Atualmente com mais de 113 mil habitantes, segundo dados do último Censo do IBGE, Ribeirão Pires ainda tem muito que investir em saúde, educação, turismo e lazer para honrar o passado histórico e a riqueza natural que renderam o título de Estância Turística. A Festa do Pilar é o evento mais tradicional do município, realizado em março para celebrar o aniversário da cidade. A festa reúne milhares de pessoas e atrai visitantes pelas atividades gratuitas como missa campal e shows de MPB e música sertaneja.

O Festival do Chocolate já está consolidado na agenda regional. Realizado entre julho e agosto, ganha cada vez mais destaque desde a primeira edição em 2005. Apesar das festas movimentarem grande parte do turismo local, a cidade oferece outros roteiros para visitação como a Vila do Doce, no Centro, que atrai principalmente pelo artesanato.

A Pedra do Elefante, no bairro da Quarta Divisão, o Mirante do Morro de Santo Ant nio e a estátua de São José, também são bons lugares para desfrutar da vista panorâmica da cidade.

TURISMO DE UM DIA

O chamado turismo de um dia   o foco dos in-

Divulga o

Robson Miguel:
amor pela
cidade



Divulga o

Castelo: homenagem ao violão

vestimentos para a cidade que até então utilizava recursos recebidos do Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias do governo estadual (Dade) para melhorar a imagem do município.

A grande novidade   a constru o de teleférico que chegar  às margens da represa Billings e terá 4,4 quilômetros de extensão. O valor estimado   R\$ 10 milhões e a cidade busca recurso junto ao Ministério do Turismo. "O objetivo da administra o   ampliar a gama de modalidades de esportes deste tipo, tendo em vista a riqueza e diversidade de trilhas e áreas naturais para a prática destas atividades dentro dos limites de Ribeirão Pires", diz o prefeito Saulo Benevides.

Por este viés, a prefeitura confirmou para maio a etapa do Haka Race 2013. A corrida de aventura envolverá canoagem, maratona, ciclismo e técnicas verticais, com participa o de mais de 500 atletas de todo Brasil. Ao redor da represa também está prevista a constru o de área de lazer e convivência. A várzea do Córrego Aliança será alagada com a instala o de chafariz como no Parque do Ibirapuera, com águas e luzes.

Com essas a oes o governo pretende aumentar o fluxo de visitantes para aquecer a economia local e fortalecer o crescimento de  g ncias, redes de alimenta o, hospedagem, entre outros. "A história nos mostra que   possível aproveitar as características da cidade de forma responsável e sem impactar o meio ambiente, como   o caso do turismo rural", afirma o prefeito.

Para isso também serão feitas revitaliza oes nos parques municipais, como a instala o de equipamentos de apoio náutico no Parque Marinho de Moraes e equipamentos de esportes radicais, como arborismo e parede de escalada e também, borbolet rio no Parque Pérola da Serra, na região central da cidade. ■

PROGRAMA PERMANENTE DE LIMPEZA E
MANUTENÇÃO URBANA DA PREFEITURA DE MAUÁ

CIDADES

NOSSA MAUÁ 
Cidade Limpa
RESPONSABILIDADE DE TODOS

Patinho feio, nunca mais

*Prefeito Donisete Braga lança programa audacioso
para transformar Mauá em cidade sustentável*

Tuga Martins

O prefeito Donisete Braga assumiu, em março, compromisso de erradicar de Mauá o cruel estigma de patinho feio do ABC para consolidar o status de cidade sustentável. Disposto a atribuir novos contornos ao meio urbano, bem como resgatar a autoestima da população, lançou o audacioso programa Nossa Mauá, Cidade Limpa, o qual

envolve todas as secretarias na missão de transformar profundamente a cidade nos quatro anos de governo. Além de limpeza, conservação e manutenção, a proposta de metamorfose prevê curar maus hábitos da população com ações de conscientização ambiental e educacional. “Vamos deflagrar movimento apaixonante em favor de Mauá”, afirmou o secretá



rio de Serviços Urbanos, Rogério Santana, coordenador do programa.

Os 161 bairros da cidade, inclusive núcleos e conjuntos habitacionais, e as 2.104 ruas, contando vielas e travessas, foram divididos em 12 regiões. As equipes da Prefeitura, Sama e Foz do Brasil vão percorrer cada uma das regiões por 10 dias e realizar serviços como poda de árvores, cata-bagulho, roça e capinação de áreas públicas, tapa-buracos, pintura de guias, sinalização viária, limpeza de bocas de lobo, troca de tampas de lobo, desratização, ações contra a dengue, trocas de lâmpadas e manutenção de redes de água e esgoto. As ações começaram em 18 de março, na região 1, que compreende bairros como Zaíra 6, Alto da Boa Vista, Paranaíba e Nova Mauá. “Vamos seduzir a população a ser cúmplice dessa boa intenção do governo”, disse o secretário.

Cartilha pedagógica será a ferramenta inicial para aproximar o programa da população a ponto de constituir verdadeira rede em toda a cidade. “A ação não é apenas de limpeza urbana, mas a criação de política pública integrada de educação, preservação do meio ambiente, prevenção à saúde e conscientizando da população de que todos são responsáveis por fazer do bairro um local mais saudável e limpo”, afirmou Donisete Braga.

No evento de lançamento do programa, o prefeito assinou decreto que cria o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, em conformidade com a Lei federal nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que tem como princípio a responsabilidade compartilhada entre governo, empresas e população para gerenciamento adequado de um dos maiores problemas do mundo atual: o lixo urbano. Mauá recebe lixo de outras cidades e a gestão dos resíduos sólidos é mais que urgente, uma vez que o aterro sanitário tem vida limitada. Também assinaram o documento o secretário de Assuntos Jurídicos, Alessandro Baumgartner e a secretária de Meio Ambiente, Tânia Regina Vieira.

A Prefeitura de Mauá gasta por ano 5% do orçamento, cerca de R\$ 25 milhões, com coleta de lixo. O montante representa 52% dos valores arrecadados com IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano). “Trata-se de recurso significativo que precisa ser reduzido de maneira inteligente”, afirmou o prefeito. A municipalidade também firmou convênio com a Coop Cata a fim de otimizar a reciclagem. “Catadores simbolizam modelo de inclusão social e de educação necessário para cuidar de cada cantinho da cidade”, afirmou o prefeito. Das 8,5 toneladas de lixo que a cidade recebe por dia, 8% poderiam ser reciclados, mas apenas 1,2% passa pelo processo. A

meta é chegar a 3% em quatro anos e no futuro atingir índice de 5%. A Central de Triagem de Materiais Recicláveis no bairro Capuava, onde foi realizado o lançamento do programa, tem capacidade de 250 toneladas por mês, mas atualmente só processa 30 toneladas.

O calendário completo das atividades do Programa está disponível no site www.maua.sp.gov.br e pode também ser consultado pelo telefone 156. A população será previamente avisada por mensagens sonoras e panfletos, sobre dia e horário em que o programa estará em cada região. No dia programado para o caminhão passar, as pessoas deverão colocar na calçada, a partir das 7h, todo o lixo e tudo que não serve mais.

Antes do evento, o prefeito participou de café da manhã com empresas parceiras como Lara, Foz do Brasil e Sama, e as convocou a assumir compromisso com o programa. Também participaram da cerimônia os secretários Rogério Santana (Serviços Urbanos), Paulo Eugênio (Mobilidade Urbana), Edilson de Paula (Governo), Helcio Silva (Habitação) além de Armando Octaviano Junior, representante da Cooperativa de Catadores de Papel, Papelão e Material Reciclável do Município de Mauá e de Maria da Penha representante da Cooperativa Central de Catadores e Catadoras de Material Reciclável do Grande ABC.

Fernando Nonato



*Donisete Braga:
promograma lançado
em centro de reciclagem*

De mãos dadas com Brasília

Fernando Nonato

Tiago Nogueira: atenção para não perder oportunidades

Santo André criará pasta para otimizar relação com governo federal

Alexandre Poletto

O governo federal totalizou transferência de mais de R\$ 248 bilhões em 2012 para estados, Distrito Federal e municípios. As cidades do estado de São Paulo abocanharam R\$ 15,35 bilhões, praticamente o dobro dos recursos que desaguaram nos cofres de Geraldo Alckimin (R\$ 7,5 bilhões). Não à toa, Executivos municipais se empenham em aportar em Brasília atrás de verbas que podem fazer a diferença na gestão.

Santo André será a primeira cidade da região a organizar e oficializar as idas e vindas ao Planalto. A medida consta da reforma administrativa que aguarda aprovação da Câmara Municipal. Caberá à Secretaria de Relações Institucionais a missão de manter contato permanente com a capital do país, firmando sintonia de trabalho conjunto sob o comando do vereador e atual secretário de Gabinete, Tiago Nogueira. “Teremos de consolidar articulação, acompanhar a rotina de lá e ficar atentos para não perder a oportunidade de apresentar ideias e levar projetos”, afirma.

A ministra do Planejamento, Orçamento e Gestão, Miriam Belchior, é peça chave para estreitar ainda mais as boas relações da cidade com o governo federal. A Prefeitura de Santo André tem

déficit herdado da gestão anterior na ordem de R\$ 110,4 milhões, mas já este ano começa a receber R\$ 80 milhões do Ministério das Cidades para construir uma ETA (Estação de Tratamento de Água), no Parque Pedroso. O investimento faz parte do conjunto de obras relacionadas ao PAC II. “Contemporaneidade é a marca que governo de Carlos Grana está disposto a deixar em Santo André”, diz o secretário.

A estação vai permitir uma economia de 22% no valor pago à Sabesp para a compra de água. A ETA terá capacidade de tratamento de 350 litros por segundo e beneficiará diretamente cerca de 200 mil pessoas. Do projeto ainda consta construção de mais de oito mil metros de dutos para a adutora e reservatório de dois mil metros cúbicos.

A cidade também espera aprovação de R\$ 50 milhões do PAC Cidades Históricas para melhorias da Vila de Paranapiacaba e o cumprimento da promessa do ministro da Saúde, Alexandre Padilha de recursos federais para ampliar a rede de Saúde Mental com a construção de mais dois Centros de Atenção Psicossocial, Álcool e Drogas 24 horas. “A Secretaria trabalhará as relações externas não apenas com as esferas oficiais, mas abrirá diálogo com empresários e entidades de classe”, afirma Tiago Nogueira. ■

E agora prefeitos?



Primeiros 100 dias de trabalho determinam o tom dos próximos quatro anos de governo

Gabriel Clemente

Novas administrações municipais de todo o país chegam em 10 de abril ao centésimo dia de trabalho. No ABC, os avanços ainda parecem escondidos nas páginas dos planos de governo à espera principalmente de recursos. Se os primeiros 100 dias determinam o tom das gestões públicas nos próximos quatro anos, são especialmente desafiadores quando sucessores são adversários políticos. Caso de Santo André, que antes de por qualquer coisa em prática precisa equilibrar as contas e deixar a casa em ordem. A dívida herdada soma R\$ 110,4 milhões, mas o prefeito Carlos Grana garante retomar, ainda este ano, a realização do Plano Plurianual (PPA). A iniciativa propõe discutir com a sociedade, o planejamento para os próximos quatro anos. “A partir de 2014, retomaremos as audiências públicas do Orçamento Participativo, para planejarmos, em conjunto com a população, soluções mais próximas à realidade andreense”, afirma o prefeito.

O primeiro objetivo da equipe de Donisete Braga é a modernização de Mauá e a atração de mais investimentos. Medida considerada urgente é a recuperação dos tributos da Refinaria de Capuava. “Já me reuni com a presidente da Petrobras, Graça Foster, e ela se sensibilizou com o problema. Mauá é a única cidade do ABC que tem uma unidade da Petrobras, mas não fica com os tributos do refino do petróleo. Mais de R\$ 170 milhões são compartilhados por Barueri e São Caetano do Sul”, lamenta o prefeito. A prefeitu-

ra recebeu cerca de R\$ 100 milhões em recursos do PAC, que estão sendo investidos em obras de urbanização, saneamento e na construção de moradias no Jardim Oratório e Cerqueira Leite.

Em São Bernardo, as prioridades do segundo mandato do prefeito Luiz Marinho são a melhoria e a reestruturação da mobilidade urbana e o combate às enchentes. Compõem esses processos a vinda da linha 18-Bronze do Metrô, que vai chegar à avenida Faria Lima, em 2015, e no Alvarenga, em 2016. Haverá integração com os 12 corredores de ônibus que a prefeitura pretende construir. Além disso, a administração planeja também a construção de ponte estaiada sobre a via Anchieta, que fará a conexão de Rudge Ramos com Taboão e Paulicéia. Para evitar a ocorrência de enchentes, haverá investimentos no centro da cidade, com a construção de nova galeria na rua Jurubatuba e piscinão no estacionamento do Paço Municipal.

A saúde será prioridade do governo de Saulo Benevides na estância de Ribeirão Pires. O Plano de Governo quer ainda atrair indústrias e comércios, de modo a otimizar a geração de empregos e incrementar receitas tributárias. Lanchonete Habib's e duas metalúrgicas já estão em processo de instalação na cidade, com a previsão de gerar 200 empregos diretos. Para o setor turístico, a prefeitura busca parcerias com os governos estadual e federal para a captação de recursos.

Cidade com melhor renda per capita da região, São Caetano possui passivo de R\$ 264,5 milhões, deixado pela administração anterior, que representa 30,4% do orçamento aprovado para 2013, estimado em R\$ 870,1 milhões. Comprometida em quitar a dívida, o governo de Paulo Pinheiro colocou em prática medidas de contenção de gastos sem prejudicar serviços à população. O prefeito quer renegociar as dívidas com os credores, diminuir o custeio das secretarias em 30%, cortar a gratificação de funcionários comissionados e articular a redução dos gastos do Legislativo. “Queremos viabilizar ações para melhorar saúde e segurança pública porque durante a campanha eleitoral, notei

que a população concentrou as reclamações nessas áreas”, afirma o prefeito.

A administração de Gabriel Maranhão vai focar as principais medidas para a melhoria da saúde em Rio Grande da Serra e conta com projeto já aprovado pelo Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, para a construção de Unidade de Pronto Atendimento 24 horas (UPA) na avenida dos Autonomistas, no Centro.

POLÍTICA DE VIZINHANÇA

A importância de ações conjuntas das administrações públicas do ABC é consenso independentemente de siglas partidárias. Seja em razão da proximidade geográfica, que reflete demandas comuns ou questões macro como mobilidade urbana, saúde e segurança, o papel do Consórcio Intermunicipal, presidido pelo prefeito de São Bernardo, Luiz Marinho, é crucial na busca de soluções.

Os prefeitos já deram início a tratativas sobre projeto de infraestrutura viária regional o qual integre

planejamentos de cada prefeitura e promova ação única direcionada a dissolver os principais gargalos do tráfego entre as cidades. A criação do Expresso ABC está prevista para 2015, com o apoio do governo do Estado.

Os chefes dos executivos acordaram a construção do Centro de Referência do Idoso, que demanda investimento de R\$ 5 milhões do governo do Estado. A edificação será construída em área ao lado do Ambulatório Médico de Especialidades (AME) da Vila Vitória, em Santo André, para uso de toda a população do Grande ABC. O projeto arquitetônico do complexo prevê alas médicas e espaços de convivência, como salas de fisioterapia e

Melhoria da segurança urbana regional demandada acelerar processo de integração das guardas civis municipais

salão de festas.

Para a melhoria da segurança urbana, está em andamento processo acelerado para a atuação integrada das guardas civis municipais. A intenção é que as corporações possam trocar informações para incrementar planos de inteligência, a fim de reduzir os índices de criminalidade.

Quanto a participação social no planejamento das gestões pú-

blicas, as administrações petistas assumem a vanguarda no ABC. As audiências públicas de Orçamento Participativo, idealizadas pelo ex-prefeito andreense Celso Daniel, cumprem papel relevante, justamente por estimularem os munícipes a participar, mediante indicações de demandas e sugestões de soluções.

O prefeito de Mauá, Donizete Braga, seguirá a mesma filosofia e afirma que as audiências públicas serão iniciadas, provavelmente, em maio. “É fundamental ouvirmos os moradores. Quando nós ouvimos a população, erramos menos”, acredita.

Luiz Marinho, salienta que a efetiva participação cidadã é uma das principais marcas da administração de São Bernardo. “Em 2009 foram realizadas 29 reuniões por toda a cidade, nas quais foram definidas diretrizes de investimento em saúde, educação, segurança e habitação para o período entre 2010 e 2013. Em 2010, também realizamos o Orçamento Participativo em todo o município. Durante as plenárias, os munícipes tiveram a possibilidade de escolher três prioridades de investimento. Esse trabalho conjunto resultou em 58 demandas da comunidade, que foram incorporadas à peça orçamentária 2011/12. É inegável que a realização de plenárias públicas torna a gestão mais democrática e eficiente”, destaca. ■

Diego Barros

Luiz Marinho, Donizete Braga, Carlos Grana: Consenso partidário





O preço da insegurança

Além de afetar os nervos, medo de assaltos custa caro aos moradores do ABC

Wilson Moço

Os números da violência no ABC já foram estarrecedores. Em 1999, apenas em Diadema foram registrados 374 homicídios, 55 a mais do que os 319 totalizados nas sete cidades da região no ano passado, conforme dados divulgados em fevereiro pela Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Estado de São Pau-

lo. A queda nesse tipo de crime em pouco mais de uma década não permite que os mais de 2,5 milhões de moradores da região se sintam mais seguros. Afinal, a curva em declínio voltou a ganhar fôlego. O número de assassinatos em janeiro deste ano aumentou 67% em relação ao mesmo mês de 2012: 35 contra 21.

Medo ou sensação de que não há segurança, comum às pessoas da região que saem para trabalhar, estudar, ir ao médico, ao supermercado, à feira ou se divertir, entre outras atividades do dia a dia, está relacionado a outros indicadores de criminalidade da SSP. A possibilidade de ter o veículo roubado ou furtado em ruas

da região não deve ser desprezada. No ano passado, 20.693 veículos foram alvo nesses tipos de crime, média diária de 56,6.

Assim como no número de homicídios, também houve aumento em roubo e furto de veículos na comparação janeiro a janeiro: 1.418 contra 1.746, aumento de 23% – média diária de 58. Os números afetam diretamente o bolso dos donos de veículos que, além dos gastos com manutenção, combustível e Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), ainda são obrigados a arcar com valores de seguros que custam, em média, 40% mais do que em outras regiões do Estado. “O valor do seguro é definido levando em consideração perfil do segurado, tipo de veículo e região de circulação. Portanto, as combinações são as mais variadas. No caso do ABC, o preço pode ter variação de até 40% para cima”, afirma Arnaldo Odlevati Júnior, diretor regional do Sincor-SP (Sindicato dos Corretores de Seguros e de Empresas de Seguros do Estado

O valor é maior na região justamente em função do alto risco de roubo e furto, mas também porque muitas vias da região estão sujeitas a enchentes, outro quesito que entra na conta. Um

carro Gol City 1.0 8V Total Flex IV 2008/2008, tendo como condutor homem de 36 anos, casado e que usa o carro basicamente para ir e voltar do trabalho, no ABC é segurado por R\$ 2.799,03, enquanto em Campinas seria R\$ 2.263,22, em Santos R\$ 2.187,90 e no Vale do Paraíba, R\$ 2.062,66.

Com 22 anos na área de seguros, Odlevati aponta que os altos índices de roubos e furtos de veículos, a questão das enchentes e mesmo as fraudes contra as seguradoras impedem que os donos de veículos da região tenham uma folga no bolso. Mas diz que já foi pior. “O aumento no roubo e furto de veículos é

Valor do seguro no ABC pode ter variação de até 40% a mais que em outras regiões do Estado de São Paulo



Fernando Nonato

Odlevati Júnior: índices de furtos impactam valor de seguro

sazonal. Num mês é maior, noutro, menor. Nos tempos que estou no ramo, passei por várias fases de aumento e queda nos índices. Posso afirmar que, percentualmente, considerando o valor dos veículos, hoje o seguro custa menos do que há 20 anos”.

TRÁFICO E DESMANCHES

Desde 13 de janeiro no posto de delegado Seccional de Santo André – também responsável pela Polícia Civil de Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra -, Angelo Isola já sabe o tamanho da encrenca que tem pela frente. Juntas, as quatro cidades registraram 163 homicídios em 2012, mais da metade dos 319 contabilizados em toda a região. Se levamos em conta apenas os meses de janeiro, o pepino que cabe ao delegado e comandados é ainda maior: os quatro municípios somaram 25, entre os 35 assassinatos do primeiro mês deste ano. Sem contar que as duas maiores cidades dentro da jurisdição foram onde mais se matou. Santo André registrou 12 assassinatos (dois em janeiro de 2012) e Mauá outros 11 (quatro em janeiro de 2012).

Nem bem sentou na cadeira e Isola diz ter determinado a descentralização sobre a investigação de

Roubos e furtos de veículos

Cidade	Total anual 2012	Janeiro 2012	Janeiro 2013	Variação
Santo André	6.455	438	552	26%
São Bernardo	5.567	149	446	199%
São Caetano	1.435	114	103	-10%
Diadema	4.082	251	356	42%
Mauá	2.636	166	253	52%
Ribeirão Pires	514	30	36	20%
Rio Grande da Serra	4	-	-	0%
Total	20.693	1.418	1.746	23%



Homicídios

Cidade	Total anual 2012	Janeiro 2012	Janeiro 2013	Varição
Santo André	76	2	12	500%
São Bernardo	94	9	4	-56%
São Caetano	4	-	-	0%
Diadema	58	5	6	20%
Mauá	69	4	11	175%
Ribeirão Pires	14	1	2	100%
Rio Grande da Serra	4	-	-	0%
Total	319	21	35	67%



Fernando Nonato

Ângelo Isola: esclarecer casos ajuda a reduzir número de homicídios

homicídios, até então concentrada na equipe da Seccional de Santo André. Agora, as equipes de cada cidade se incumbem da tarefa, podendo contar com o auxílio da Seccional quando necessário. Procedimento que, acredita, agilizará a apuração do crime e poderá levar à descoberta do autor. “A melhor forma de reduzir o número de homicídios é esclarecer o caso e prender quem cometeu. É mostrar à sociedade e aos criminosos que não existe impunidade”.

Com 35 anos de Polícia Civil, o experiente delegado sabe que é tarefa difícil elucidar todos os crimes e botar os responsáveis atrás das grades. “A maioria dos homicídios está ligada ao tráfico de drogas, na guerra pelos pontos de

tráfico”, avalia. E também porque sabe que, nas áreas onde acontecem as guerras entre traficantes, muitas vezes impera a chamada lei do silêncio. “Por isso, é importante o investigador estar no local de algum assassinato o mais rápido possível, pois pode descobrir alguma coisa que leve aos criminosos. Enquanto o assunto está quente, alguém sempre fala alguma coisa”.

Tráfico de drogas, assim como o envolvimento de usuários, tem ligação direta com roubo e furto de veículos, item no qual Santo André é a cidade da região que lidera o ranking da SSP. Foram 6.455 registros no ano passado, contra 5.567 da segunda colocada São Bernardo. Somente em janeiro últi-

mo, Santo André contabilizou 552 casos, contra 438 no mesmo mês de 2012, um aumento de 26%.

Claro que nem todos os roubos e furtos de veículos têm a ver com a ação do tráfico. Há desmanches que comercializam peças de veículos usados, fraudes contra seguros e uso de placas de veículos comprados em leilões para esquentar carros roubados ou furtados. No caso do Grande ABC, Angelo Isola aponta ainda as inúmeras rotas de fuga como facilitadores para a ação dos criminosos.

“Já traçamos como foco investigar desmanches e leilões, inclusive de fora da região, no combate ao roubo e furto de veículos. Também vamos fazer levantamento minucioso de onde mais ocorre esse tipo de crime e, junto com a Polícia Militar, montar bloqueios. Isso já é feito, mas temos de ampliar nossa presença, levando essa ação a vá-



Benedito Meira: roubo é o que mais aumenta sensação de insegurança

Divulgação

rios pontos num mesmo dia. Acreditado que isso iniba os criminosos e passe à população uma sensação de segurança”, diz.

O comandante geral da Polícia Militar no Estado, coronel Benedito Roberto Meira, aponta o tráfico de drogas como mola propulsora de roubos e furtos de veículos, de residências e de pedestres. “O roubo é o crime que mais aumenta a sensação de insegurança da população”. Conforme estatísticas da Secretaria de Segurança, 70% dos casos inseridos no item roubos/outros são praticados contra pedestres, sendo que 80% desse total têm como alvo o celular, equipamento que pode ser vendido rapidamente.

As estatísticas mostram que a maioria dos autores de roubo são usuários de droga, pessoas que fumam, em média, de cinco a 12 pedras de crack por dia e precisam de dinheiro para sustentar o vício. Meira lembra que o Brasil é o primeiro consumidor de crack do mundo e o segundo em cocaína. “Isso acontece porque a droga é barata, custa de R\$ 5 a R\$ 10 a pedra e entra fácil no país. Se não houver a retenção da droga nas fronteiras, desde o momento em que entra, continuaremos enxugando gelo. Cada um tem de fazer sua parte. A minha, que é combater os pontos de venda, eu faço”, disse em entrevista.

CRESCIMENTO DESORDENADO

A Polícia Militar do ABC, agora sob o comando do coronel Mauro Cezar dos Santos Ricciarelli, avalia que a região está longe de viver o caos no que se refere a roubo e furtos de veículos, sobretudo quando se compara o número de veículos na região e os registros de crimes dessa natureza. “No período de 2001 a 2011, a frota na região saltou de 772.609 para 1.370.389 veículos. Ou seja, enquanto a frota aumentou em torno de 77% de 2001 a 2011, o índice de roubo e furto de veículos diminuiu em 32%”, aponta a PM.

Os números podem parecer favoráveis, mas não impedem que a Polícia Militar lance crítica à expansão residencial e comercial, sobretudo com a construção de shoppings, locais de grande circulação de veículos. No ano passado, foram vendidos 9.407 novos apartamentos na região, aumento de 28,7% em relação a 2011, segundo dados da ACIGABC (Associação das Construtoras, Imobiliárias e Administradoras do Grande ABC). “Com esse crescimento urbano de certa forma desordenada em relação ao que prevê o Estatuto da Cidade e os seus respectivos Planos Diretores, a Polícia Militar não é ouvida sobre o impacto ou não de tal empreendimento e o que poderia e deveria ser feito”, critica o

comando do CPAM-6, responsável pelo policiamento na região.

Aponta como situação que favorece a ação de criminosos o fato de muitos desses empreendimentos não disporem de vagas de estacionamento para condôminos, clientes e funcionários. Com isso, dezenas de veículos ficam nas ruas por muito tempo e se tornam alvos fáceis para os bandidos. Por conta disso, a Polícia Militar cobra a participação da sociedade e da iniciativa privada nas ações de prevenção. “É importante que haja parcerias entre os segmentos e os cidadãos – faculdades, escolas, escritórios, hospitais e hipermercados, entre outros – com estacionamentos a preços acessíveis e confiáveis, pois de nada adianta o cidadão deixar o carro em estacionamento e ter acessórios, como estepe, furtados”, destaca nota enviada pelo comando da PM.

A corporação cobra das prefeituras investimento em ações que considera prevenção primária, como iluminação de ruas, poda de mato, lacração de imóveis abandonados, fiscalização de alvarás de funcionamento de estabelecimentos comerciais irregulares e o combate ao comércio ilegal ambulante, entre outras medidas de competência do município, como fundamentais na prevenção do crime. ■

Estupros

Cidade	Total anual 2012	Janeiro 2012	Janeiro 2013	Varição
Santo André	112	14	9	36%
São Bernardo	164	12	12	0%
São Caetano	25	1	3	200%
Diadema	88	3	11	267%
Mauá	79	8	5	-38%
Ribeirão Pires	28	4	-	-100%
Rio Grande da Serra	17	1	1	0%
Total	513	43	41	-5%



Big Brother contra o crime

*Instalação de câmeras é considerada principal
iniciativa de prevenção à violência*

Wilson Moço

A Prefeitura de São Bernardo promete tornar realidade até dezembro o que o secretário de Segurança Urbana do município e coordenador do GT de Segurança do Consórcio Intermunicipal, Benedito Mariano, considera a principal iniciativa da administração para a prevenção da violência na cidade: o Programa Cidade Segura, que terá como ponta de lança a instalação de 400 câmeras de vigilância – se somarão a outras 45 que já estão em operação –, que serão monitoradas 24 horas por dia numa central que norteará as ações da Guarda Civil Municipal, do Samu, do Departamento de Trânsito e da Defesa Civil, além dos Bombeiros e polícias Militar e Civil.

Com investimento de R\$ 20 milhões para a instalação dos equipamentos e montagem da central de videomonitoramento, o programa prevê a colocação de câmeras nas 210 escolas municipais, nos principais corredores de trânsito e em vias onde se sabe que é grande o número de roubos e furtos de veículos e de pedestres, como rua Marechal Deodoro, avenida Rudge Ramos e avenida Taboão. O Big Brother municipal vai monitorar também entradas e saídas da cidade, como Rodoanel, Vias Anchieta e Imigrantes, áreas de risco, locais onde são comuns

os alagamentos e pontos de descarga irregular de entulho.

Mariano avalia que o Cidade Segura é o projeto mais inovador do Brasil no que diz respeito a ações de prevenção à violência, além de agilizar os trabalhos do Samu, da Defesa Civil e do Departamento de Trânsito. “As viaturas terão GPSs ligados à central de videomonitoramento, poderão ser acionadas e entrar em ação com muito mais agilidade para atender ocorrências. E ganhar tempo é fundamental quando se trata de salvar vidas”.

Ganhar tempo também é fundamental nas ações contra os criminosos. A expectativa do secretário é que o videomonitoramento reduza roubos e furtos de veículos na cidade. Primeiro, acredita, porque os bandidos pensarão duas vezes antes de atacar em vias ostensivamente vigiadas por câmeras; segundo, porque as mesmas câmeras permitirão à polícia monitorar rotas de fuga e montar barreiras em pontos estratégicos. “Acredito que será possível reduzir em muito delitos como roubo e furto de veículos. As câmeras também ajudarão a aumentar a sensação de segurança por parte da população,” avalia Benedito Mariano, que prevê o início das operações em agosto, mês de aniversário da cidade, com 200 câ-

meras instaladas.

Melhorar a sensação de segurança também passa por mais policiamento preventivo nas ruas. Por isso mesmo, o Consórcio Intermunicipal já encaminhou ao governo do Estado pedido para que aumente os efetivos das polícias Civil – mais 300 policiais – e Militar – mais 800 – no ABC. E afirma que São Bernardo está fazendo a lição de casa, pois em março agregou 240 novos GCMs (entre homens e mulheres) ao efetivo, que agora soma 990. Quando o prefeito Luiz Marinho assumiu a administração, em 2009, a GCM contava com efetivo de 534 pessoas, número que saltou para 750 em dezembro de 2012.

Além de pedir mais policiais, o Consórcio cobra ampliação do número de distritos policiais com 24 horas de atendimento, inclusive sábados, domingos e feriados. Benedito aponta que a região tem hoje 27 DPs, dos quais apenas nove funcionam durante as 24 horas. “E isso é muito ruim, porque aumenta a subnotificação de crimes (não são registrados). Afinal, a vítima desiste de ir a um DP distante e onde sabe que terá de esperar muito tempo para fazer o boletim”, aponta o coordenador



Divulgação

Central de videomonitoramento: investimento de R\$20 milhões

do GT de Segurança do Consórcio. Lembra ainda que as cidades da região gastam em torno de R\$ 10 milhões por ano para auxiliar o Estado no custeio dos equipamentos de segurança, como DPs e batalhões da PM.

MISSÃO DE CAMPEÃ

Assim como São Bernardo, a cidade que ostenta o título de campeã em roubos e furtos de veículos na região promete investir na instalação de câmeras de vigilância como forma de prevenção à violência. Mas os números, tanto de equipamentos quanto de verba, são bem mais modestos que o da vizinha, que ocupa a se-

gunda posição no ranking desse tipo de crime.

Santo André pretende instalar 22 câmeras – se somarão às 19 já existentes –, com verba de R\$ 862.042,91 recebidos do governo federal. Os equipamentos serão colocados em pontos estratégicos de vias de grande circulação de veículos. O secretário de Segurança Pública e Trânsito, José Luis Martins Navarro, garante que o videomonitoramento já provou ser eficaz na prevenção à criminalidade. “Quem pratica delito não quer ser visto e preso. Com o aumento de nosso poder de fiscalização eletrônica, poderemos inibir a ação dos criminosos. Nos pontos onde já há câmeras instaladas, o índice de criminalidade caiu drasticamente”, afirma, sem apontar números.

Além da verba para a ampliação do sistema de monitoramento eletrônico, o governo federal liberou R\$ 1.939.482,72 para o Programa de Segurança Pública com Cidadania. O repasse será destinado à compra de oito bases comunitárias móveis, 32 rádios transmissores, 20 bicicletas e oito computadores. O projeto contemplará os bairros Jardim Santo André, Jardim Irene, Cata Preta, Vila João Ramalho e Jardim Vila Rica, que somam 53 mil habitantes, a maioria carente.

Divulgação

Benedito Mariano:
400 câmeras de vigilância



Despoluição por água abaixo

Ação do MP contra Sabesp por contaminação da Billings já dura mais de 10 anos, tempo necessário para promover recuperação ambiental

Gabi Bertaiolli

A preservação da Represa Billings não poderia ter inimigo pior: o tempo. A ação civil movida pelo Ministério Público contra a Sabesp (Companhia de Saneamento do Estado de São Paulo) já dura mais de 10 anos e ainda aguarda julgamento do Supremo Tribunal Federal de recurso extraordinário impetrado pela companhia.

O MP exige a recuperação ambiental do braço Rio Grande, que foi assoreado por lodo contaminado lançado pela Sabesp. “Infelizmente, ações deste tipo demoram. A recuperação ambiental deve demorar mais ou menos o mesmo tempo para ser concluída. É revoltante para o Ministério Público, assim como é para a população”, afirma a promotora Rosângela Staurengi.

Substâncias como iodo e sulfato de alumínio, resultantes de rejeitos do tratamento da água utilizada pela Sabesp no braço Rio Grande, foram lançadas na represa por mais de 20 anos. O trecho contaminado fica entre as estradas Basílio de Lima e Martim Afonso de Souza, nas proximidades do Km 28 da via Anchieta, em São Bernardo. Os produtos químicos eram despejados no córrego que corta Jardim Jussara e Vila Balneária, seguindo com o esgoto dos moradores até a Billings. Mais de três quilômetros de extensão da represa foram tomados por lodo e



mato em decorrência do despejo irregular.

Em 2002, o MP solicitou à Sabesp que parasse de lançar os produtos químicos na represa, o que só aconteceu em 2008, e efetuassem a recuperação da área. A ação inicial foi julgada improcedente por falta de perícia. O MP recorreu da sentença e em segunda instância obteve a condenação da Sabesp que, por determinação da Justiça, deve suspender o lançamento de dejetos contaminados na represa, reparar os danos ambientais e pagar multa diária de R\$ 10 mil em caso de descumprimento da medida. “É uma área muito grande que precisaria

ser desassoreada e isso demanda grande investimento. Mesmo que a Sabesp opte pela gestão do solo contaminado, o processo também é caro”, detalha.

A promotora informou ainda ter tomado ciência de que a Sabesp teria contratado estudo técnico para apontar possíveis alternativas de recuperação da área contaminada, porém, o documento não foi apresentado até o momento em São Bernardo. “Ao que tudo indica, o estudo teria apontado a inviabilidade do desassoreamento. Neste caso, a gestão da área contaminada compete à Cetesb, que é o órgão ambiental competente, e que precisa apro-

var o licenciamento de qualquer ação no local. Portanto, é preciso aguardar”. A Assessoria de Imprensa da Sabesp não comentou o resultado do estudo, apenas informou que a companhia se pronunciará e tomará todas as providências determinadas pelo MP.

“Os índices que a companhia divulga são lindos, mas não correspondem à verdade. Não existem coletores troncos suficientes para levar o esgoto até a estação de tratamento, que acaba não tendo utilidade plena”, afirma o professor da Universidade Federal do Grande ABC (UFABC) Ricardo de Sousa Moretti, especialista em risco ambiental e análise de políticas públicas nas áreas de habitação, mobilidade, projeto urbano e saneamento. A Estação de Tratamento de Esgotos ABC, localizada em São Paulo, junto à avenida Almirante Delamare e à margem esquerda do Córrego dos Meninos, serve as cidades de Santo André, São Bernardo, São Caetano, Diadema, Mauá e parte da cidade de São Paulo.

Moretti questiona a efetividade das ações da Sabesp. “Você conhece algum córrego limpo? A Sabesp optou por executar grandes obras, investir em grandes estruturas, sem concluir nenhuma etapa. Ou seja, a ação acaba não cumprindo a função social. A qualificação ambiental das águas envolve diversas iniciativas, como recuperar a vegetação, investir na educação ambiental e na preservação”, dispara. Em compensação, apesar da pouca efetividade das ações, o lucro da companhia é crescente. “É imoral uma situação como essas. São bilhões de lucro ao longo dos últimos 16 anos. Os municípios deveriam exercer melhor o papel fiscalizador e encarar a Sabesp, mesmo com a postura rígida adotada para evitar negociações”, completa. ■

Wilson Magão





Foto: Fernando Nonato

Parque de papel

Quase 30 anos de lutas e Chácara da Baronesa continua abandonada e alvo de jogo de empurra entre governos

Roberto Barboza

A história recente da Chácara da Baronesa/Crespi Haras São Bernardo é exemplo de descaso e desrespeito que se arrasta há décadas e macula a qualidade de vida da vizinhança, bem como o currículo de lista de administradores municipais e estaduais. Mais uma audiência pública para discutir soluções para problemas da área foi convocada pelo vereador de Santo André, Eduardo Leite (PT), para 29 de abril, às 18h, na Câmara Municipal. A expectativa é encerrar a novela de maneira digna. “Precisamos garantir que desta vez os recursos necessários para viabilizar o parque estejam previstos na Lei Orçamentária, que será encaminhada para a Assembleia Legislativa, por isso vamos precisar do apoio da Banca do ABC”, diz o vereador.

O principal objetivo é fortalecer a luta para que desta vez o parque saia do papel. “Também queremos garantir a participação da comunidade, de ambientalistas e de outras pessoas interessadas em opinar sobre como será o parque”, afirma Eduardo Leite. Prefeitos de Santo André, Carlos Grana, e São Ber-

nardo, Luiz Marinho, foram convidados, assim como secretário estadual do meio ambiente Bruno Covas, e lideranças da comunidade. “A reportagem publicada na Edição 05 da Revista República contribuiu para consolidar a iniciativa”, afirmou o assessor parlamentar, Kleber Paiva.

Com patrimônio único, frágil e de interesse público, tão indiscutível quanto incalculável, os mais de 340 mil metros quadrados de área verde localizados na divisa de São Bernardo com Santo André vem sendo objeto de jogo de empurra entre os dois municípios e o governo do Estado. Sob responsabilidade da Secretaria Estadual do Meio Ambiente desde 31 de agosto de 2001, quando a chácara foi declarada parque estadual. O abandono histórico facilitou ocupação da área por aproximadamente 400 famílias, hoje assentadas, e mais recentemente, por usuários de crack para desespero dos vizinhos.

Sugestões para uso do parque não faltam. Já se pensou em implantar projeto de equoterapia, aproveitando o que restou do haras, utilização para práticas

esportivas e preservação integral entre outras. A dotação de R\$ 4 milhões anunciada pelo secretário do meio ambiente, Bruno Covas, em 21 de fevereiro para recuperação da chácara aponta também para a formação de um conselho gestor para o Parque Chácara da Baronesa. “Ainda não fomos formalmente convidados para compor nenhum conselho. Acho a ideia ótima, afinal, a comunidade, por meio do MDCB, foi quem conseguiu preservar ou amenizar a degradação completa desse patrimônio público”, declara Vera Lúcia Rotondo, coordenadora do Movimento de Defesa da Chácara Baronesa /Crespi Haras São Bernardo – MDCB, criado em 1984.

Nem mesmo a localização regional estratégica da chácara desperta interesse maior do Consórcio Intermunicipal do ABC que, até o momento, não apresentou qualquer proposta de solução para os graves problemas socioambientais do imóvel. A mobilização de moradores do entorno para que a chácara fosse transformada em parque público conseguiu mais de 10 mil assinaturas. Resultado inicial foi o tombamento, em 24 de março de 1986, pelo Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat). “Queremos um parque que se aproxime do que é o Trianon, na avenida Paulista, com recuperação de nascentes, preservação das espécies nativas, áreas restritas para visitação guiada que possibilitem, na medida do possível, recuperação da fauna e flora originais”, defende a ativista ambiental.

O ato oficial de tombamento não amenizou a agonia do lugar. Recentemente o governo do estado recuperou parcialmente a cerca da chácara e designou funcionária e segurança para a portaria princi-



Divulgação

Eduardo Leite: audiência em 29 de abril

pal do imóvel, gestos insuficientes para impedir novas invasões. “O MDCB defende a consolidação do parque, mas é contrário a ações violentas de despejo das famílias que há tantos anos ocupam parte da área. Existem maneiras de coibir a continuidade das ocupações como também de solução para o problema de moradia dos que vivem ali, mesmo que precariamente, instalados”, argumenta Vera.

MORADIAS

A reportagem publicada na edição nº 05 da Revista República chamou a atenção de Andrea Felix da Silva Carvalho, presidente da Associação de Moradores. Há 20 anos na chácara e sempre envolvida com a regularização da área, reivindica assim como conselheiro Elias Andrade destinação de 10% do terreno para a construção de moradias populares pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU).

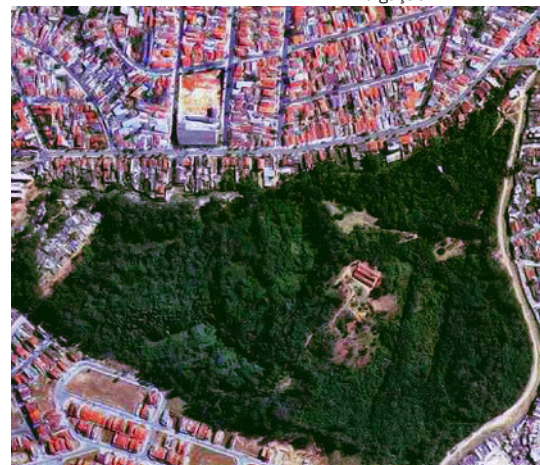
Prioridade da associação e promessa de várias administrações estaduais, a questão habitacional sequer passou para o papel.

Andrea afirma que durante a administração de Aidan Ravin em Santo André ocorreram novas ocupações por completa falta de fiscalização da prefeitura, ao contrário da atual que tem sido mais ágil mesmo em questões de ajuda em caso de árvores caídas sobre casas durante tempestades.

Recadastramento das famílias aliado ao imediato e definitivo congelamento de novas ocupações é solução apontada pela líder comunitária para que os problemas do parque e das famílias sejam solucionados. “Lutamos há décadas pelo direito de morar dignamente, não queremos nada de graça, vamos pagar direitinho pelas nossas moradias”, afirma. Assim como as lideranças do MDCB, Andrea também está otimista com a inédita sintonia política entre as administrações de Santo André e São Bernardo, além do diálogo mais produtivo entre petistas e tucanos do governo do Estado que se concretiza com recentes parcerias na capital paulista.

“Bom que a audiência pública convocada pelo vereador Eduardo Leite será no fim de abril. Assim poderemos confirmar o convite e a presença de mais autoridades e lideranças envolvidas com os problemas da chácara e do futuro parque estadual”, diz Andrea, que fomenta esperança que o evento seja marco para final feliz da novela que se arrasta há quase três décadas.

Divulgação



Com o patrimônio e o verde na mão

Recém-adquirida pela Construtora MZM, Chácara Colúmbia pode sumir do mapa para dar lugar a torres residenciais

Roberto Barboza

Última área verde no bairro de Rudge Ramos, em São Bernardo, patrimônio histórico, artístico, arquitetônico e natural, a Chácara Colúmbia está sendo destruída pelos novos proprietários, a MZM. A ação da construtora é homeopática, mas recai sobre os atributos necessários para o tombamento da área, em estudo no Conselho Municipal do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural (Compahc) e no Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Ou seja, se for completamente descaracterizado, o terreno poderá ser liberado para a construção de mais torres de concreto. A constatação é consenso entre vizinhos, técnicos e ambientalistas, que identificam os métodos dos que, por alguns milhões de reais, praticam o canibalismo imobiliário em detrimento de história, qualidade de vida e bem-estar de milhões de moradores.



A Construtora MZM, sediada em Santo André, é conhecida dos conselheiros do Compahac pelo poder de fogo jurídico para dobrar administrações e aprovar empreendimentos. Desde a aquisição, há pouco mais de 90 dias, o portão principal da chácara, que é de grade, foi revestido com folhas de zinco. A estratégia dificulta a visão do que ocorre no interior da chácara. Mesmo assim, vizinhos perceberam que os telhados dos imóveis foram retirados e parte da vegetação está sendo suprimida.

O gerente de novos negócios da Construtora MZM, Evandro Menezes, afirma desconhecer qualquer intervenção no imóvel,

mas o fato de a chácara estar em estudos para possível tombamento é do conhecimento da construtora. “No contrato de compra existe uma cláusula resolutiva que garante que o negócio será desfeito caso fique impossibilitada a construção de qualquer empreendimento imobiliário no local”, assegura Menezes. “Estar em estudo para tombamento não significa, necessariamente, que a área seja de interesse histórico”, argumenta o executivo.

O que moradores do entorno, técnicos e ambientalistas querem é a desapropriação do imóvel pela prefeitura, preservação da área verde e destinação para uso público. “A qualidade de vida

é mais importante para nós que prédios de apartamento. A área poderia ser utilizada para educação ambiental, atividades culturais e de lazer, principalmente por ser a última área verde do bairro e estar localizada ao lado de uma escola pública”, sugere a professora Meire Lima, vizinha da chácara desde a infância. A professora, junto a outros moradores, está mais uma vez empenhada em mobilizar a comunidade, promovendo mais abaixo-assinados e atividades contra a destruição do patrimônio.

“As características naturais, históricas e arquitetônicas do imóvel são mais que suficientes para definir como área de interesse público. É o que esperamos que seja considerado pelas autoridades municipais”, defende a conselheira do Compahac e professora da USP, Simone Scifoni. As pressões do mercado imobiliário junto ao conselho são tão históricas quanto os patrimônios defendidos pela entidade, “A mobilização da sociedade é fundamental para preservar interesses coletivos em contraposição a interesses financeiros e especulativos”, assegura a conselheira.

Alertados pelos vizinhos, a Divisão de Patrimônio da Prefeitura de São Bernardo realizou uma frustrada visita ao imóvel, que se encontrava fechado. “Faremos nova tentativa para confirmar as alterações sofridas”, afirma o coordenador Marcos Tatiama, salientando que a fiscalização é atribuição da Secretaria de Obras. Diversas tentativas de contato com a prefeitura para obtenção de respostas sobre as intenções da administração em relação ao imóvel foram infrutíferas. Desconhecimento da situação do imóvel e mais tempo para estudar o caso foram os argumentos para o silêncio oficial do Paço.

Fernando Nonato



OÁSIS

Os quase 15 mil metros quadrados da Chácara Colúmbia são verdadeiro oásis em plena avenida Senador Vergueiro, ao lado do Colégio Estadual Amadeu Olivério. Além da vegetação típica da Mata Atlântica com árvores centenárias, a mansão, em estilo modernista foi erguida em meados do século passado pelo empresário italiano Armando Chimenti, então proprietário da indústria de persianas Colúmbia, instalada na capital paulista. O Comphac atesta que a construção é única com características modernistas edificadas, à época, em bairro qualificado como área rural.

Posteriormente adquirido pelo empresário Gregório Marim Preciado, primo do tucano José Serra, o imóvel passou ao controle do antigo Banespa como forma de pagamento de dívidas. Leiloada pelo banco estatal paulista em 1996, a chácara foi arrematada pelo empresário Sérgio Roberto Balotim e mais dois sócios por irrisórios R\$ 1.280.000,00 quando o valor venal do imóvel era R\$ 7.210.842,36. A diferença entre o valor de mercado e o lance de arrematação deve-se, provavelmente,



Fernando Nonato

Terezinha Gomes: reevindicações desde 1983

te, ao fato da chácara já constar da lista de 40 imóveis cadastrados no Compahc e passíveis de tombamento pelo município.

Prospecções arqueológicas exigidas por lei em obras nas proporções da pretendida pela Arbour Empreendimentos Imobiliários depararam com vestígios de populações indígenas, sambaquis, e fragmentos que remetem aos tempos da colonização. “A chácara pode ter sido um ponto de parada do antigo Caminho do Mar durante os primeiros anos de colonização de São Paulo. Por ali, provavelmente, passaram padres

jesuítas como José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. A comprovação só será possível com novas prospecções” comenta Charles Bonetti, arqueólogo coordenador da Peabiru, entidade responsável pela pesquisa.

A batalha pela preservação da Chácara Colúmbia começou há 30 anos, quando Terezinha Maria Gomes encaminhou em 11 de maio de 1983 solicitação ao então prefeito Aron Galante para que o espaço fosse transformado em Centro Recreativo Esportivo e Cultural (Crec) a exemplo dos já existiam no Baeta Neves e em diversos bairros de São Bernardo. A chácara já contava com piscina, pista de bocha e áreas de lazer. Nada foi feito. “Quando o prefeito Mauricio Soares eleito pelo PT tomou posse, renovamos a reivindicação e solicitamos, também, que fosse implantada coleta seletiva de lixo no bairro. Indignado ele disse: ‘Vocês querem tudo? Uma coisa ou outra’. Implantaram projeto piloto de coleta seletiva que não teve continuidade. Ficamos sem uma coisa nem outra e, até hoje, o lixo continua sem solução adequada e a chácara ameaçada”, lamenta Terezinha, moradora há mais de 40 anos da Vila Vivaldi. ■

Fernando Nonato

Arquitetura modernista: depredação descaracteriza patrimônio histórico



Quando pai vira mãe

Sozinho, Zé do Rádio assumiu o desafio de criar dois filhos pequenos

João Schleder

“Tenho às vezes vontade de ser novamente um menino.

E na hora do meu desespero gritar por você. Te pedir que me abrace e me leve de volta pra casa. E me conte uma história bonita e me faça dormir”. A homenagem de Roberto Carlos para Lady Laura demonstra em canção a importância das mães. Mas quando filhos experimentam a ausência da mulher, o amor é transferido para o pai.

Há sete anos Francisco de Assis Carvalho Leal separou-se da mãe dos filhos Matheus e Júnior. Fugindo à regra, brigou pela guarda e assumiu a responsabilidade de criar duas crianças, com sete e 10 anos. O operador de máquinas da Maxion Wheels teve de enfrentar muitas dificuldades. “Tinha que trabalhar para sustentá-los e eles ficavam sozinhos em casa. Era difícil me desligar”, diz.

Fernando Nonato

Zé do Rádio: superar dificuldades em favor dos filhos Matheus e Junior

Quando um ficava doente, Zé do Rádio, como é conhecido na firma, era obrigado a abandonar o expediente. Por sorte, a empresa sempre entendeu o caso. “O mais velho, Júnior, tinha muita crise de bronquite. Já tive que faltar uma semana inteira no trabalho por causa dele. Todos na Maxion sabem e muitos me admiram”, orgulha-se.

Além de doenças, encontros na escola dos filhos também obrigavam José a deixar o trabalho. “Nunca faltei em uma reunião sequer. Sempre usei o banco de horas para acompanhar o rendimento deles”, conta. Hoje, Zé do Rádio não tem dúvidas de que valeu a pena e o filhos reconhecem a dedicação do pai. “É um guerreiro que superou todas as adversidades para conseguir dar tudo para nós. Graças a ele nunca nos faltou nada”, afirma Francisco de Assis Carvalho Leal Júnior.

Contente em ver os filhos crescidos e lutando pelos próprios, Zé do Rádio afirma que a mãe sempre foi muito ausente. “Abri mão de muitas coisas por causa dos meus filhos. Não me arrependo de nada”, diz emocionado. ■



Filhos da mãe

Seja na profissão, hobby ou esporte mães são maiores e melhores exemplos para filhos

Shayane Servilha

Desde o primeiro emprego Vera Lucia de Barros foi vendedora, mas há 16 anos a ex-sacoleira tem loja de roupa feminina. O espírito empreendedor da mãe e o gosto por moda levou a filha Nairy de Barros Aparo a comprar a segun-

da loja da mãe. “No começo fui contra a ideia dela abrir a loja. A profissão é bastante cansativa e são necessárias algumas renúncias. Mas a troca de conselhos de diferentes gerações ajuda uma no negócio da outra”, afirma Vera.

Aos 25 anos e formada em Administração, Nairy afirma que a maior vantagem de seguir a carreira da mãe é a experiência que teve desde pequena. “Como temos ideias diferentes, decidimos que eu comprasse a outra loja, paga com meu esforço. Ela

Mônica Fernandes

Nairy Silva de Barros Amparo e Vera Lúcia de Barros Amparo: espírito empreendedor como herança





Natália Bergamelli Ramos e Elisabeth Bergamelli: hobby estreita laços de amizade

me ensinou isso desde sempre. Hoje somos mais parceiras, quando aperta sabemos que uma auxilia a outra”, diz.

Ao contrário de Vera, a executiva Elisabeth Bergamelli Ramos, não conseguiu passar a profissão para a filha Natália Bergamelli Ramos, estudante de Engenharia. Mas juntas criaram o hábito de correr há cerca de um ano. “Correr juntas estreita os laços de mãe e filha. Não dá para conversar muito porque cansa, mas acabamos passando mais tempo juntas. Depois que corremos sempre tem o café da manhã ou a caminhada que dá para colocar o papo em dia”, diz Natália.

A cada três meses elas participam de prova e, se no começo

do hobby percorriam cinco quilômetros, hoje completam provas de 10 quilômetros. A Corrida de Combate ao Câncer de Mama é especial para mãe e filha porque Elisabeth teve a doença. “Além da satisfação de correr, há envolvimento a mais em saber que corremos por uma causa nobre. O número de pessoas envolvidas nisso é muito grande. A primeira também foi importante porque antes não era acostumada a correr e consegui completar uma prova inteira”, orgulha-se Elisabeth.

Se parece normal filhas seguirem exemplo da mãe, com Marialice Santos de Souza, foi fora dos padrões. Mãe do treinador de kickboxing Jaime de Souza, começou a praticar a mo-

dalidade depois de incentivos do filho. “Fui ver uma aula dele e me interessei. Como ele sabe os limites e dificuldades que tenho resolvi praticar o esporte. Somos uma família unida, mas treinar com meu filho ensinando o elo fica mais forte. Ele é o meu maior orgulho”, emociona-se.

Mas para Jaime, a mãe é o maior exemplo e inspiração. E é por isso que ele pretende treiná-la para competições master para os próximos anos. “Quando vejo o esforço dela aos 61 anos me motiva a nunca desistir de ser professor da modalidade. Minha mãe não inspira só a mim e sim a todos que fazem aula. Mas agora eu tenho de ter juízo porque senão ela usa os golpes que eu ensino contra mim”, brinca. ■



Tons polêmicos

Especialista participa de talk show sobre o livro Cinquenta tons de cinza promovido pela Faculdade de Medicina do ABC

Tamyres Scholler

Apelidado de obra pornô para mamães, o livro *Cinquenta tons de cinza*, lançado em 2012 virou fenômeno mundial de vendas e foi tema da segunda edição do Talk Show promovido esse ano pelo curso de pós-graduação em Sexologia da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC).

A psicóloga e terapeuta sexual Ana Canosa participou do evento e ministrou palestra com o tema *Sexualidade nos contos de fadas*. Psicóloga, terapeuta sexual e diretora-editora da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (Sbrash), Ana Canosa coordena o curso de pós-graduação em Educação Sexual do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) e é autora do livro *A metade da laranja?*.

Confira abaixo a entrevista com a especialista sobre os assuntos abordados:

Revista República - *Você considera o livro Cinquenta tons de cinza uma boa influência para des-*

pertar homens e mulheres para a sexualidade?

Ana Canosa - Sim, acho que pode ajudar as pessoas a se aproximarem do erotismo e a se excitarem com a leitura.

RR - *Quais são as características da sexualidade nos contos de fadas?*

Ana Canosa - Como os contos de fadas são parte de tradição oral, carregam mensagens sobre as relações de gênero, quais os conflitos de identidade sexual que vivenciamos como as questões de identidade com pai e mãe, os desejos permitidos e os proibidos, a beleza, a inveja, a relação entre poder e submissão, etc e como as relações amorosas devem acontecer.

RR - *Qual é a importância de separar o que é real do que faz parte da idealização das histórias?*

Ana Canosa - Na infância é importante fomentar a imaginação. A criança aprende a diferenciar o imaginário do real aos poucos, mas a magia é im-

portante. Já na puberdade e adolescência é possível trabalhar os conteúdos simbólicos e fazer questionamentos do tipo: não existem príncipes encantados, que o casamento é um passo difícil, que as mulheres não são submissas e não estão esperando o príncipe chegar para acordá-las para a vida.

RR - *Como acreditar no felizes para sempre pode afetar na vida sexual de uma mulher?*

Ana Canosa - Mulheres muito românticas são afetadas pelos problemas cotidianos, não conseguem separar amor de sexo, sentem-se traídas pelo homem que acreditavam que lhes daria sempre toda atenção do mundo e acabam deixando de fazer sexo por mágoa e ressentimento.

RR - *As mulheres que sonham com o relacionamento perfeito são menos felizes em suas vidas pessoais?*

Ana Canosa - Tenho certeza que sim. Por um lado sonhar, o relacionamento perfeito pode motivar a mulher a sempre investir na relação, ser feminina e amorosa e, caso ela tenha um parceiro sensível e atento, ele pode corresponder dando o melhor para a relação; por outro lado, a chance de frustração diante da crença de uma relação perfeita é enorme, a mulher pode passar a vida sofrendo porque não aceita as atitudes do companheiro ou acha que tudo que ele faz é para magoá-la. Ela para de investir energia na vida pessoal e profissional dela e passa a vida esperando uma fantasia tornar-se realidade. E isso gera frustração e infelicidade.

RR - *Por que o ideal de amor é tão explorado na ficção, se na verdade nunca poderá ser alcançado?*

Ana Canosa - Porque é uma característica forte do início da adolescência. Também existiu intenso reforço cultural na história da civilização, de atingir ideais e modelos, como o homem perfeito da Grécia antiga, o amor perfeito e devoção aos deuses, a mulher perfeita na figura de Maria, o amor cortês, sem sexo no casamento, posteriormente o amor com sexo só no casamento, o amor romântico a partir do século XVII. Enfim, nós sempre tentamos atingir ideais que não podem ser alcançados.

RR - *Por que o livro foi tão polêmico se já existiam outros livros eróticos na literatura?*

Ana Canosa - A polêmica girou em torno da relação de sedução e poder envolvida no sadomasoquismo. Muitas mulheres acharam que a proposta de submissão para a personagem reforça o poder masculino diante das mulheres e uma relação de desigualdade. Mas eu não acho, até porque ela tem o poder nas mãos o tempo todo, ele também está submetido ao afeto dela e às relações de excitação dela com ele. Foi polêmico porque começaram a di-

zer que as mulheres queriam ser submissas. Bobagem. Queremos também ser submissas, no sentido de trocar de papel na relação amorosa e sexual para que tudo seja mais equilibrado. Poder e submissão não podem ser entendidos como violência e fragilidade.

RR - *Você considera o sadomasoquismo uma prática saudável?*

Ana Canosa - O sadomasoquismo é prática que requer cuidados. As pessoas podem adotar algum comportamento da prática sadomasoquista nas suas relações sexuais sem que isso seja um enorme investimento de energia, nem que seja preciso todos os cuidados com segurança. Pode ser mais lúdico. Há pessoas que pertencem ao grupo BDSM (Bondage, Dominação, Sado e Masoquismo) que gostam da prática com exclusividade e encontram parceiros que aceitem essa prática.

RR - *O que de fato homens e mulheres precisam entender sobre a sexualidade do parceiro?*

Ana Canosa - Que cada pessoa carrega todo um conteúdo relacionado a história individual, familiar, social, como a resposta do próprio corpo e os aprendizados sobre prazer, sedução, etc. Cada pessoa é autônoma e para que haja relação sexual de qualidade é muito importante negociar o que cada um gosta, o que cada um sente e sempre é possível aprender sobre si mesmo e sobre o outro. O diálogo é muito importante nesse processo. ■



Ana Canosa: livro aproxima pessoas do erotismo

Milagres do nariz vermelho



Grupos de palhaços levam todos os dias alegria e humanização a hospitais do ABC

Tamyres Scholler

Inspirados por Hunter Doherty Patch Adams, médico que revolucionou o sistema de saúde dos Estados Unidos nos anos 1970, grupos aderiram à humanização hospitalar em todo o mundo. No Brasil, os palhaços profissionais da ONG Doutores da Alegria atuam há mais de 20 anos e são considerados pioneiros na arte de traduzir e reinventar a linguagem clown para o setor hospitalar.

Os atores também apresentam peças de teatro e oferecem cursos de formação para grupos profissionais e amadores, caso dos voluntários do Dose do Riso, que surgiu em 2002 e desde então são vistos aos sábados no Hospital Nardini em Mauá.

O que começou com cinco amigos, hoje conta com pouco mais de 20 membros ativos que se revezam para doar tempo e carinho ao próximo. Toda intervenção nos quartos é singela e cheia de significados. O grupo se divide em duplas e cada quarto é visitado apenas uma vez. “Fazemos a divisão para tornar único o momento com o paciente. Se outra dupla entra num quarto que já foi visitado é grande a chance de acabar com o eco que permanece daquela visita”, revela o fundador do grupo, Marco Antonio Tex, o Caco, que já foi reconhecido na rua sem a roupa de palhaço.

Entre as inúmeras histórias que permeiam a memória dos voluntários: “Eu nunca iria imaginar que ela lembraria meu nome e viesse me cumprimentar. São situações como essa que não se explicam”, conta. Ao final de cada interação os palhaços deixam uma bexiga cheia para o paciente estourar após receber alta, como parte do ritual de passagem que representa a alegria de sair do hospital. “É o amor que nos move”, afirma Amanda Moreno Grego, a palhaça Linda.

Além de disposição e tempo, para entrar no grupo é necessário participar das aulas de formação de clown que acontecem uma vez por mês. Recentemente o grupo firmou acordo com a Unimed e passará a atuar também em Santo André.

Divulgação



Ação na Rússia: Spiningriika Pirulito com Patch Adams

SEM FRONTEIRAS

A diretora administrativa da construtora M. Bigucci, Roberta Bigucci, idealizou o projeto Big Riso em 2004, com o apoio de Clotilde Dib, presidente da Associação Voluntária de Combate ao Câncer (AVCC). Atualmente, formado por 70 voluntários, o grupo conta com colaboradores da empresa que são liberados para as visitas em horário de trabalho, de acordo com escala semanal.

No ano passado, Roberta, ou palhaça Spiningrifka Pirulito, embarcou com mais 29 palhaços voluntários de todas as partes do mundo, em viagem para Rússia a convite de ninguém menos que Path Adams. “Foram 15 dias intensos de experiência única. O que senti lá, dinheiro nenhum pode pagar”, revela a empresária, que visitou mais de 20 hospitais durante a viagem. Roberta conta que um dos momentos mais

marcantes foi visita a orfanato de crianças cegas e surdas. “Tirei um sorriso de uma menina apenas com o pompom de cabelo que passei em seu rosto. Foi emocionante”, diz.

Os palhaços do Big Riso atuam no Hospital Mário Covas, no ambulatório da Oncopediatria da Faculdade de Medicina do ABC e na Casa Ronald McDonald, todos em Santo André e no Hospital do Servidor Público Estadual em São Paulo.

DOCTORES LÚDICOS

Estudantes da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC) fazem parte do projeto Sorrir é Viver, que desde 2005 promove a humanização hospitalar para fortalecer a relação dos futuros médicos e pacientes.

Apesar da participação ser voluntária, a procura é grande, de três a quatro candidatos por

vaga. Após o processo seletivo, que dura cerca de três dias, os escolhidos participam de formações por um semestre antes de iniciar atividades lúdicas. São aceitos apenas estudantes do 2º ao 4º ano da faculdade.

Cada voluntário pode escolher entre se tornar contador de histórias ou clown. “Sempre tive admiração muito grande pelo trabalho dos palhaços em hospitais, porém me identifiquei desde o início com os contadores de histórias”, afirma a quartanista Bárbara Elza Silveira Canto, atual coordenadora do projeto.

O estudante do último ano e ex-coordenador do grupo, Guilherme Bonadia, considera o trabalho voluntário importante não só para pacientes, mas para a formação de profissionais da área. “O Sorrir é Viver representa tripé para a transformação positiva do ambiente hospitalar, seja pela

Divulgação

Dose do Riso: trabalho aos sábados no Hospital Nardini



humanização, conscientização ou disseminação dessas ideias”, pondera.

Cada integrante atua uma vez por semana e todos se revezam entre os Hospitais Mário Covas e o Complexo Hospitalar Municipal (CHM), em Santo André, no Hospital Anchieta, em São Bernardo, no ambulatório de especialidades da FMABC e ocasionalmente na Casa Ronald McDonald, localizada no campus da faculdade.

PROFISSÃO PALHAÇO

O casal de atores, Kleber Brianez e Lígia Campos, são Dr. Nerdolino Wasowsky e Dra. Pafúncia Maionese, juntos fundaram o grupo Operação de Riso, que atua no Complexo Hospitalar de São Caetano - Hospitais Márcia Braido e Maria Braido e no Hospital e Maternidade São Cristovão em São Paulo.

O projeto surgiu em 1998 como extensão das disciplinas

Divulgação

Palhaço Caco: grupo divide visitas para não sobrecarregar pacientes



Divulgação

Palhaça Linda: bexiga cheia para paciente estourar após receber alta

cênicas da Fundação das Artes de São Caetano e atualmente, apesar do apoio da instituição, caminha com pernas próprias.

Em 2012, a dupla que faz parte do programa Palhaços em Rede dos Doutores da Alegria, marcou presença no II Encontro Nacional de Palhaços em Hospital, em outubro. A principal diferença entre voluntariado e trabalho remunerado está na busca pela formação e na constante pesquisa da máscara clown que garante a qualidade técnica. “Não é qualquer um que pode colocar um nariz de palhaço e fazer visitas nos hospitais, esse trabalho exige o conhecimento sobre o palhaço e a consciência da responsabilidade que o personagem carrega”, afirma Kleber Brianez.

Mesmo sendo contratados pelos hospitais, Kleber e Lígia não perderam a sensibilidade e não escondem o quanto algumas experiências são marcantes. “Não tem como não se envolver. Acompanhamos os pacientes semanalmente e todos vão embora, alguns por receber alta e outros morrem. O que eu mais gosto é essa experiência do encontro. Alguns muito profundos e outros superficiais, mas divertidos”, desabafa Kleber.

Jairo Cartum é responsável pelo ambulatório de Oncologia Infantil da Faculdade de Medicina do ABC (FMAB) e acredita que a humanização hospitalar seja fundamental para que o paciente reaja positivamente ao tratamento médico. “É cientificamente comprovado que o sistema imunológico de uma pessoa feliz funciona melhor e consequentemente aumenta as possibilidades de evolução mais significativa do que outra que esteja desmotivada e abatida pela doença”, afirma.

A evolução é evidente após a ação de palhaços e contadores de histórias que conseguem aproximar o ambiente hospitalar da realidade das crianças. “Elas chegam assustadas, mas devagarzinho e aos poucos, se tornam mais colaborativas. Continuam sentindo dor, mas a diferença é como lidam com essa dor”, revela. ■

SERVIÇO

Dose do Riso - fanpage: www.facebook.com/dosedoriso
Sorrir é viver - site: www.sorrirreviver.org
Operação de Riso - site: www.operacaoderiso.com.br
Big Riso - site: www.bigriso.com.br

Na onda do carbox



Método é indicado para eliminar celulite, flacidez e até amenizar olheiras

Shayane Servilha

Mesmo com treinos e dietas, a indesejável celulite de Andrea Moreira não tinha solução até que vendedora descobriu a carboxiterapia. O tratamento queridinho das celebridades, agora também é utilizado por aqueles que querem combater estrias, flacidez e até amenizar olheiras. “Na primeira sessão deu para sentir diferença. A pele fica bem lisinha e bastante uniforme. O melhor é que o carbox combate tudo ao mesmo tempo. Cuidando da alimentação e fazendo exercícios, a gordurinha não volta”, garante Andrea.

O procedimento consiste na aplicação por meio de injeção de gás carbônico na pele em diversas regiões, como abdômen, nádegas, costas, coxas e braços. “O gás destrói o tecido gorduroso e possui efeito vasodilatador, que envia mais oxigênio para região. Isso diminui os fluidos entre as células e melhora a circulação e oxigenação dos tecidos. A técnica também estimula a produção de colágeno e novas fibras elásticas”, diz a fisioterapeuta Renata Marchesi.

E ao contrário de muitos relatos, o método não pode deixar hematomas ou com muitas dores durante o tratamento. “Pessoas muito brancas podem ficar com pequenas vermelhidões, mas somem em poucos dias. Quando a pele fica com grandes hematomas é necessário diminuir a quantidade de carbono que está sendo inserida. Um profissional incapaz também pode prejudicar o tratamento”, alerta Renata.

Bons resultados demandam 10 sessões, que podem ser realizadas até duas vezes por semana. Os pacotes custam em média R\$ 700 reais. “Na tercei-

ra sessão já é possível obter resultados visíveis. E é importante lembrar que o paciente não pode fazer massagem linfática por 24 horas após a aplicação. Resultado melhor exige exercícios físicos e dieta equilibrada”, detalha a fisioterapeuta.

Grávidas, mulheres que estão amamentando, pessoas com doenças cardiovasculares e respiratórias não podem usufruir do método. “Apesar de ser gás natural do nosso próprio corpo não deixa de ser invasão ao organismo. A agulha é semelhante à que aplica insulina. Na primeira sessão pode haver desconforto e ficar um pouco dolorido, mas nas seguintes o paciente não sente”, diz. ■

Fernando Nonato

*Renata Marchesi:
técnica estimula
produção de colágeno*



Joia corintiana

Ex-jogador do Corinthians, Ernesto agora marca gols no universo do ouro

João Schleder

Ernesto Luís não é famoso. Lance, sim. É o 61º jogador que mais vestiu a camisa do Corinthians: 211 vezes. Poderia ter sido mais, não tivesse o ex-atleta cometido o maior erro de sua vida. No dia 8 de fevereiro de 1975, o Timão foi ao Rio de Janeiro enfrentar o Fluminense. A partida era amistosa e marcava a estreia de Rivellino pelo time carioca. Tudo transcorria bem, até que o corintiano, em momento de fúria, desferiu soco no árbitro José Roberto Wright. O ocorrido lhe custou um ano de suspensão.

No Shopping do Carmo, em Santo André, onde mantém a Lance Joias, Ernesto atende clientes com tranquilidade e atenção. Os mais novos não sabem que atrás do balcão está o jogador que defendeu o Corinthians de 1971 a 1978. A fisionomia de Lance só endurece quando fala sobre o fatídico episódio do Maracanã, presenciado por mais de 40 mil espectadores.

“O Wright estava iniciando a carreira e queria mostrar serviço. E nós de cabeça quente, pois tínhamos perdido a final do

Paulista de 1974 para o Palmeiras. Eu não lembro direito o que houve, mas ele marcou algo que não gostei. Sem pensar, o atingi com soco”. Como na época não havia muitas câmeras, a jogada não foi gravada e Lance negou tudo, orientado pelos advogados do Corinthians. Não adiantou. Com 25 anos e em plena forma física, o atacante foi afastado por 365 dias.

O que era para ser pesadelo virou sonho. Para não ficar parado, Lance jogou um ano pelos Milionários, time formado por ex-jogadores que excursionavam pelo país. “Joguei com Garrincha, Djalma e Nilton Santos, Gerson, Jairzinho, Carlos Alberto Torres todos meus ídolos”, afirma ele, que fez grande amizade com Mané. “O Garrincha não sabia ler. Então, sempre viajava com ele, para que pudesse ir indicando as placas para o motorista que também era analfabeto”, recorda.

Como estava atuando, depois da suspensão, o atacante voltou com tudo para o Corinthians, onde ficou até 1978. Depois, defendeu os paranaenses Atlético e Coritiba até que o Santo André



Lance: brilho atrás do balcão

apareceu em sua vida. O Ramalhão tinha fama de sempre chegar às decisões e não vencer. Para acabar com o estigma, decidiram montar forte elenco e a solução chamava-se Lance.

“O Santo André apareceu em fase muito boa pra mim, pois eu e minha esposa queríamos voltar para São Paulo”. Formado em Educação Física, o atleta aproveitou parceria da prefeitura com o clube e acumulou funções. Era atacante do Ramalhão

e funcionário público. “Essa foi a maneira que encontraram para me trazer, já que ganhava muito bem no Coritiba”, diz.

Lance brilhou, foi artilheiro, mas na hora de renovar contrato não houve acordo. Frustrado, resolveu encerrar a carreira e dedicar-se integralmente às joias. Após um ano, já como empresário bem sucedido, foi convidado para ser supervisor do Santo André, e aceitou. Atleta experiente, foi bem no cargo, sendo convi-

do inclusive para supervisionar a seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de 1984.

Mais tarde, Ernesto ainda assumiu o posto de treinador do Ramalhão, selando de vez a identificação com a cidade. Ainda voltou para o Corinthians, como supervisor e treinou o Palestra São Bernardo, mas nunca saiu de Santo André. “Já estou estabelecido aqui há muitos anos. Amo Santo André”, diz. ■

Fernando Nonato



Solidariedade na veia

Grupo de voluntários mantém campanha há quatro anos para incentivar doações de sangue em Santo André

Tamyres Scholler

Bastou um conhecido precisar de doação de sangue para Fernando Araújo se sensibilizar com a situação e movimentar os amigos para a causa. Isso foi em 2009, mas Fernando foi além, e idealizou a Campanha Juven-

tude Pela Vida com o objetivo de conscientizar outras pessoas.

O grupo que surgiu em Santo André atualmente é formado por 15 amigos, que mesmo sem apoio nem recursos, dividem o custo de panfletos que

são distribuídos em diversos pontos, como a rua Oliveira Lima, no Centro da cidade. “O mais difícil é conseguir convencer a pessoa a doar sangue pela primeira vez”, revela Fernando.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que de 3% a 5% da população sejam doadores para manter os estoques regulares. No Brasil, apenas 1,8% da população doa sangue e no ABC, o índice não chega a 1%. “As campanhas nacionais promovidas pelo Ministério da Saúde duas vezes por ano, no Dia Internacional do Doador de sangue, em 14 de junho, e pelo Dia Nacional do Doador de Sangue, em 25 de novembro, são ineficientes”, diz. Como o governo não disponibiliza pessoas capacitadas para conduzir as campanhas, a divulgação acaba parada junto com os panfletos dentro de hospitais.

Em 2010, com o slogan Porque doar sangue faz bem, o Conselho Municipal da Juventude de Santo André, do qual Fernando faz parte, aderiu à cam-

Fernando Nonato

Campanha: índice de doares no ABC não chega 1%



panha que ganhou destaque na imprensa e apoio de políticos da região como a vice-prefeita de Santo André, Oswana Fameli (PRP). “Nosso objetivo é tornar a campanha permanente, por isso buscamos parceiros para auxílio principalmente na divulgação”, afirma Fernando, estudante de Direito e engajado em outros projetos sociais.

A técnica de enfermagem Luciana Alves Penteado atua como coordenadora técnica do grupo e acredita que seja necessário eliminar alguns mitos. “A grande maioria tem medo de contrair doença ou de passar mal durante o procedimento, alguns acham que o sangue fará falta e há aqueles que não doam com medo de descobrir que estão doentes”, revela.

Luciana é responsável por

abastecer a fanpage da campanha no Facebook com textos e vídeos informativos. O grupo se reúne a cada 15 dias e planeja nesse ano aumentar a divulgação digital com a criação de microblog e e-mail para contato.

CENTENÁRIO ABALADO

Em 2012, o Centro Hospitalar de Santo André (HCM) completou 100 anos e esperava encerrar o ano com 18 mil doadores. Dados da Associação Beneficente de Coleta de Sangue (Colsan) registraram 9,5 mil doações, número muito abaixo do esperado, o que representou aproximadamente 4,7 mil litros de sangue coletados durante todo o ano.

O período de férias é o mais crítico para os bancos de sangue e de dezembro a fevereiro



Fernando Nonato

Fernando Araújo: idealizador

Como se tornar doador

- Ter entre 16 e 67 anos
- Pesar acima de 50 quilos
- Estar em boas condições de saúde
- Não ter ingerido bebida alcoólica nas últimas 12 horas
- Portar documento de identidade original com foto

Considerações

- Homens podem doar a cada dois meses e até quatro vezes ao ano. Já o limite para mulheres é de três vezes por ano.
- Menores de 18 anos devem estar acompanhados pelo responsável ou com cópia dos documentos de identidade de ambos e autorização para doação com firma reconhecida em cartório.

os hemocentros sofrem queda de doações. O HCM de Santo André tem capacidade para receber 1,3 mil doações por mês, mas em janeiro desse ano não passou de 679 e em fevereiro, 688.

A Colsan possui quatro postos de coleta na região e é responsável pelo abastecimento de sangue no Centro Hospitalar Municipal de Santo André e no Hospital Mário Covas. Em São Bernardo pelo Hospital Anchieta, Hospital Municipal Universitário e o Pronto Socorro da cidade e em São Caetano pelo Complexo Hospitalar Márcia e Maria Braido. ■

SERVIÇO

Campanha Juventude Pela Vida
Fanpage: www.facebook.com/campanhajuventudepelavida

CHM - Centro Hospitalar Municipal de Santo André
Av. João Ramalho, 326
Vila Assunção - Santo André

Colsan - Associação Beneficente de Coleta de Sangue - Site www.colsan.org.br



Abertura da exposição: Cícero Martinha discursou sobre 80 anos do sindicato

Memoráveis Lutadores

Mostra fotográfica marca comemorações dos 80 anos do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá

Da Redação

Uma centena de fotos históricas marcaram o início das comemorações dos 80 anos do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá e também, a inauguração do Espaço Permanente de Fotografia João Colovatti, na Biblioteca Nair Lacerda, em Santo André. Além de resgatar

imagens que mudaram a história econômica, social e política do país, a exposição promoveu mais um capítulo da trajetória da classe trabalhadora do ABC com o encontro de gerações de lideranças sindicais. A emoção foi traduzida nas palavras do presidente da entidade, Cícero Martinha: “Quantas en-

tidades no Brasil têm 80 anos?”.

A mostra ficou aberta ao público até o dia 30 de março e recebeu centenas de visitantes. “Não existe história de Santo André sem a história da entidade”, afirmou o prefeito Carlos Grana, que foi diretor do Sindicato. O secretário de Cultura e Turismo, Raimun-



Na hora certa no lugar certo

O espaço cultural inaugurado com a mostra dos 80 anos do sindicato homenageia o fotógrafo João Colovatti, que iniciou a carreira no jornal Última Hora, trabalhou no Diário do Grande ABC por 20 anos e faleceu em 2011. Aos 56 anos e aposentado, Colovatti trocou o fotojornalismo por um sítio em Procópio Ferreira, no Paraná, onde vivia só. Dentre os trabalhos mais famosos de Colovatti está a foto do acidente que matou o presidente Juscelino Kubitschek, na Dutra, em 22 de agosto de 1976. Ele foi o primeiro a chegar ao local,



Divulgação

João Colovatti

ao lado do então repórter Renato Campos.

Reconhecido por estar na hora certa no lugar certo, um dos flagrantes mais conhecidos é a sequência de fotos de um menino que caiu do teleférico na Cidade da Criança, em São Bernardo, em 23 de julho de 1975.

pela jornada de 40 horas, a qual se tornou bandeira de luta de todo o movimento sindical brasileiro. “O sindicato sempre participou ativamente dos movimentos em defesa dos interesses da sociedade, como a campanha O petróleo é nosso; para o Brasil estender o mar territorial para 200 milhas; a instituição do 13º salário que era chamado de 240 horas de abono”, lembrou Martinha.

No início da década de 60, o presidente João Goulart e o ministro Leonel Brizola estiveram na sede do sindicato. Com o golpe de 1964, os metalúrgicos passaram a lutar contra a ditadura militar, promoveram manifestações políticas pela anistia. “A exposição é oportunidade de mostrar nossa história aos brasileiros”, disse. O acervo conta com cerca de 100 fotos e a abertura da mostra contou com a participação da Orquestra Sinfônica de Santo André no Teatro Municipal, que além do hino nacional brasileiro e de Santo André, executou a abertura da ópera O Guarani.

Fundado em 1933, o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá tem cerca de oito mil associados ativos, seis mil sócios aposentados. ■



do Salles, também prestigiou o evento, assim como diretores e funcionários do sindicato, como o ex-presidente e ex-prefeito João Avamileno; o ex-deputado e ex-vice-prefeito José Cicote; o ex-deputado e ex-presidente Benedito Marcílio; bem como autoridades como a vice-prefeita Oswana Farneli, o vice-prefeito de Mauá, Hélio Silva, o deputado federal Vanderlei Siraque, dirigentes sindicais e centenas de convidados.

O sindicato completa 80 anos em 23 de setembro de 2013 e é o mais antigo do ABC. A atuação por muitas vezes mudou os rumos de grandes questões nacionais. Pioneirismo é marca incontestada da entidade, que começou ainda no início dos anos 80 a mobilização



Lembrança rosa: sindicato entrega convite para evento em comemoração ao Dia Internacional da Mulher

Com **M** maiúsculo

*Comemoração do Dia Internacional da Mulher
ênfata tom de conscientização sobre igualdade*

Shayane Servilha

A comemoração em homenagem ao Dia Internacional da Mulher do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá foi diferente. Devido à prestação de contas, realizada em 8 de março, a festa foi agendada para 24 de março com a presença de aproximadamente 300 pessoas. Palestras, sorteios, apresentações de dança e teatro e conscientização deram o tom da festa. Apesar de grandes conquistas do setor metalúrgico, a coordenadora do Departamento da Mulher,

Maria Andrea Cunha Mathias, afirma que ainda existe bastante discriminação na hora de contratar mulheres. “A participação ainda é pouca. Tem empresa que não quer ver mulher por perto porque consideram nosso trabalho inferior ao do homem. Por isso, o evento é importante para que sejamos iguais em direitos e deveres”, diz a coordenadora.

Nos 80 anos do Sindicato, Maria Andrea destaca a participação da mulher na construção da

história e luta da classe metalúrgica. “A mulher sempre participou do sindicato, principalmente porque as esposas dos metalúrgicos sempre estiveram presentes. Colocaram a mão na massa e lutaram e lutam por ideais junto aos homens. Não tem distinção, somos um todo com o mesmo objetivo. É isso que devemos ser: mulheres que não temem por ser mulheres”, orgulha-se.

No segundo mandato, a conselheira executiva ainda alerta que a mulher precisa estar no mercado de trabalho para ter autonomia dentro do lar e não ser subordinada ao marido. Como exemplo, destaca a presidenta Dilma Rousseff. “A mulher quando trabalha passa a ter outra importância no lar. Não podemos ser vistas como objetos e sim como parte integrante e fundamental na construção de uma sociedade melhor. A presidente é uma guerreira e seu governo é uma quebra de preconceito e barreiras”, afirma.

Se antes dependia do ex-marido e de emprego com péssimas condições, Maria Andrea deu a



Divulgação

Cícero Martinha: flor em mãos

volta por cima depois que entrou no Sindicato dos Metalúrgicos. “Tinha várias opções de sindicatos, mas a possibilidade de estudar só tinha aqui. E as empresas não contratam funcionários sem estudo. Antes de concluir o curso já estava contratada. Eu nasci de novo depois que consegui estudo e bom emprego. E é isso que o sindicato proporciona aos sindicalizados”, diz. ■

Mônica Fernandes

*Maria Andrea Cunha Mathias:
de vida submissa a coordenação
do Departamento da Mulher do sindicato*



Em nome dos aposentados

José Cicote recebe homenagem em sessão solene da Câmara de Santo André

Da Redação

A sessão solene na Câmara Municipal de Santo André em homenagem ao Dia Nacional dos Aposentados em 20 de fevereiro entrou para a história da classe trabalhadora do ABC. O homenageado foi José Cicote, vice-presidente da

Associação dos Aposentados, ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá, ex-deputado estadual e federal e vice-prefeito de Santo André. A emoção tomou conta das galerias, lotadas de companheiros que estiveram lado

a lado nas lutas sindicais da região. O Sindicato e a Associação entregaram a José Cicote placa e álbum com fotos de momentos mais significativos dele na militância sindical e política.

O vereador Almir Cicote (PSB) presidiu a sessão, ao lado de

Diego Barros



Cícero Martinha, José Cicote, João Avamileno e Almir Cicote

Cícero Martinha, presidente do Sindicato e da Associação dos Aposentados, e de João Avamileno, ex-prefeito de Santo André e atual secretário de Governo, que representou o prefeito Carlos Grana. “País que não cuida de suas crianças e de seus idosos não é um país sério”, afirmou Martinha. O tom enfático alertou governos sobre a necessidade de oferecer ambiente favorável à qualidade de vida daqueles que já contribuíram na construção do país. “Não podemos ter calçadas esburacadas, filas em serviços essenciais e motoristas de ônibus que desrespeitam os mais velhos”, disparou.

O projeto de criação do Fundo Municipal da Pessoa Idosa está em tramitação na Câmara de Santo André e João Avamileno adiantou que o Plano Muni-

cipal da Pessoa Idosa está em elaboração. “Santo André tem necessidade de ações voltadas aos idosos, como atividades culturais destinadas à terceira idade e transporte de qualidade. Respeito e reconhecimento a contribuição de cada aposentado e aposentada na construção da nossa cidade”, disse.

O evento contou com apresentação da corporação musical Lira de Santo André, sob regência do maestro Claurício Cipryano. A banda interpretou o Hino Nacional Brasileiro, o Hino de Santo André e o Hino dos Aposentados. Também foram executadas as músicas Carinhoso e Quatro Motivos Sertanejos. “Percebemos disposição das instituições e entidades em favor da luta pelos direitos dos aposentados”, discursou Almir Cicote. ■

“País que não cuida de suas crianças e de seus idosos não é um país sério”

Direitos

APOSENTADOS TÊM DIREITO A VÁRIOS BENEFÍCIOS GARANTIDOS POR LEI:

Assistência Social

Descontos em eventos culturais

Transporte urbano gratuito

Transporte interestadual gratuito

Prioridade em processos;

Prioridade em Programa habitacional

Aposentadoria até R\$ 3 mil é livre de pagar Imposto de

Renda

Dependendo do município onde resida ou da renda, pode também obter quase 100% de desconto no IPTU

Da base ao Direito

Advogado Wilson Menezes coleciona experiências da trajetória de quase 40 anos no movimento sindical

Tuga Martins

O advogado Wilson Menezes chegou ao ABC com o pé no chão de fábrica. Tinha 22 anos quando percebeu que não teria o futuro sonhado na tranquila Oswaldo Cruz, cidadezinha próxima à divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul.

De família humilde, morava em sítio a três quilômetros da cidade onde frequentou a escola até o Ensino Médio. O curso de Direito

A vaga na Pirelli apareceu em 1973. “Eu morava em pensão na Vila Pires, e consegui colocação na produção de cabos de alta tensão”, lembra. Na fábrica, conheceu lideranças como João Avamileno, que o ensinou inclusive a marcar cartão de ponto. “Eu nunca tinha visto relógio de ponto”, admite. Depois conheceu José Cicote que estava de férias quando da admissão. “Apareceu três dias depois e, de pronto, ofereceu filiação ao sindicato. Eu não sabia o que era, mas concordei”, diverte-se.

O setor da Pirelli tinha muito trabalhador consciente, que já discutia bastante as questões trabalhistas no interior da fábrica. Wilson saía às 14h e ia direto para o sindicato, onde conheceu outros líderes cujas conversas despertaram o interesse de estudar a história do sindicato. “Fui incentivado por Marcos Andre-

otti, Miguel Guillen, do sindicato dos trabalhadores rurais, e pelo inesquecível Philadelpho Braz”, afirma.

Com o tempo, Wilson foi aprendendo a história do movimento sindical e principalmente a entender a luta por melhores condições de trabalho e qualidade de vida. “Em 1974, a Pirelli negociava em separado e elegia delegado de negociações entre os trabalhadores, tipo de observador. Fui eleito e participei das negociações ao lado de representantes da empresa e do sindicato”, orgulha-se.

No mesmo ano, casou e teve os filhos Luciano e Letícia. Em 1978 foi para a direção do sindicato como diretor de base e foi destacado para cuidar da Colônia de Férias em Praia Grande, que estava em construção. “Subia e descia a serra porque alternava com as atividades nas portas de fábrica”, diz.

As reivindicações eram em torno de 20% e 22% e a Pirelli foi a primeira empresa a estabelecer

Setor da Pirelli tinha muito trabalhador consciente, que já discutia bastante as questões trabalhistas no interior da fábrica

parecia distante para quem não tinha recursos para financiar faculdade. “Sou eternamente grato aos meus pais Ananias e Maria, retirantes nordestinos, verdadeiros sobreviventes, que conseguiram criar quatro filhos e, mesmo sendo semianalfabetos, tiveram sensibilidade e ofereceram condições mínimas de estudos”, destaca.

índice de reajuste em acordo. Chegou a 10,5%. Em 1979, nova greve. Dessa vez de 45 dias e a consequência foi a intervenção no sindicato. “A diretoria foi afastada e substituída por interventores. Devolveram o sindicato, até que em 1980 nova greve e o então ministro do trabalho Murilo Macedo determinou a cassação dos dirigentes”, lembra Wilson Menezes, que foi detido algumas vezes nas manifestações sindicais em Santo André.

Com a fundação do PT, José Cicote foi eleito deputado estadual e convidou Wilson para trabalhar na Assembleia Legislativa. “Foi quando percebi que teria a oportunidade de estudar Direito”, afirma. Fez o curso na Faculdade Brás Cubas, em Mogi das Cruzes. Não parou, pós graduou em Direito Civil, mas atua também no Direito do Trabalho. Neste período, participou da construção do partido e da Central

Única dos Trabalhadores (CUT). “Ainda me empenhei na estruturação de diretórios no interior de São Paulo envolvi-me com as eleições sindicais”, diz.

Certa vez, voltava de Itamarati e Euclides da Cunha no interior de São Paulo, com Devanir Ribeiro e José Cicote quando o cansaço o impediu de continuar dirigindo e o então deputado Cicote prontificou-se de imediato a assumir a direção. “Paramos em bar à beira de estrada, e pedimos uma cachacinha para relaxar, mas Cicote teve de tomar Itubaína porque estava dirigindo. Ficou muito bravo”, diverte-se.

Morador de Mauá, Wilson defende que o dia-a-dia do movimento sindical é uma das melhores escolas para a organização da sociedade. “Aprendi princípios éticos, sociais e políticos, além de solidariedade e ampliação da visão na busca pelo direito e transformação da sociedade”, afirma.

Wilson Menezes foi advogado do sindicato de 1996 a 2001, período da unificação até a cisão de Santo André com São Bernardo. Aos 61 anos, mantém escritório de advocacia em Santo André e, como associado benemérito, é sempre solícito quando o sindicato precisa. “Ainda falta ao trabalhador buscar mais informação e conhecimento para a prática da cidadania. Trata-se de busca coletiva de bem estar e ainda acredito na conduta ética das entidades de classe”, diz.

Nos quase 40 anos dedicados ao movimento sindical, Wilson Menezes coleciona vários fatos inesquecíveis, especialmente as amizades, como a que mantém com o presidente Cícero Martinha desde 1982. “Além de ser da mesma região que eu e ter passado pelas mesmas dificuldades, Martinha é exemplo de superação”, emociona-se. ■

Fernando Nonato

Wilson Menezes: trabalho na construção do PT e da CUT



O lado legal do sindicalismo

Departamento Jurídico é estratégico na consolidação de avanços e conquistas da classe trabalhadora

Tuga Martins

A história do movimento sindical em todo o mundo testemunha que os trabalhadores não conseguiriam conquistar direitos sem a ação de advogados. Bom exemplo é a consolidação da Participação dos Lucros e Resultados (PLR), que apesar de constar da Constituição, não dispunha de *modus operandi*. A conquista do benefício na prática foi sendo construída pelos sindicatos. “Só depois veio a lei regulamentando um pouco, mas ainda cabe à entidade procurar a empresa, negociar e fazer valer a lei maior”, diz o advogado Elvécio Firmino Batista, o Bahia, que ingressou no movimento sindical há 30 anos pelas mãos dos colegas Valdecirio Teles Veras e Ruy Rio da Silveira Carneiro.

O Departamento Jurídico do Sindicato dos Metalúrgicos recebe só em Mauá cerca de 10 trabalhadores por dia atrás de direitos usurpados pelo empregador. Em Santo André, o fluxo é maior, o atendimento chega a 15

pessoas por dia, sendo grande parte por verba rescisória. “Antes havia processo por insalubridade e reintegração. Hoje, o que mais tem é não pagamento de verbas rescisórias”, compara o advogado. A equipe do Departamento Jurídico é coordenada por Marcelo Firmino da Silva, que

Fernando Nonato



Bahia: cerca de 25 atendimentos por dia em Santo André e Mauá

conta com mais três advogados e quatro assistentes, que alternam plantões nas duas cidades. Para o profissional do Direito ficar afiado em questões trabalhistas e sindicais, precisa estudar e se dedicar por pelo menos cinco anos.

Não há dúvidas que o Direito Trabalhista avançou e se tornou mais humano como reflexo das transformações no mundo do trabalho. Os direitos sociais e previdenciários foram ampliados, porém ainda há preocupação com condutas que buscam a flexibilização dos direitos trabalhistas por conta da mercantilização das relações econômicas e sociais. “A Constituinte de 1987/1988 garantiu a autonomia sindical em relação ao poder Executivo, proibindo qualquer ingerência ou interferência por parte da máquina

administrativa na entidade sindical”, destaca.

Houve um tempo em que o diálogo entre sindicato e empresas era quase impossível, praticamente só em mesa redonda na Delegacia Regional do Trabalho (DRT). A organização do movimento sindical resultou em avanços e conquistas da classe trabalhadora diante da volatilidade do capital. “Antes existia mais processos porque a situação do trabalhador era mais difícil. Com o tempo, as relações jurídicas entre empregador e trabalhadores estão mais conscientes. Ainda não é o ideal, temos muitos problemas para resolver”, afirma.

Da entrada do processo à audiência, a demora é entre 30 e 60 dias. A maioria chega a acordo na primeira audiência, mas quando

não tem acordo, o processo pode levar mais de ano. No caso de haver perícia, chega a até cinco anos ou mais. “Conduzi processo de reintegração que durou 10 anos, contra a Phillips, que já fechou as portas”, lembra Elvecio Batista. A vitória nos tribunais foi do trabalhador, que chegou a se aposentar na empresa e recebeu as verbas por todo o período, inclusive o da dispensa até a reintegração. A Phillips tinha questão de saúde por conta do uso de mercúrio além das LER/Dort, especialmente bursite e tenossinovite. “As leis trabalhistas precisam de revisão urgente. A CLT data de 1943, é muito antiga e está em descompasso com a realidade”, diz o advogado. Com o novo Código Civil em 2003, entidades tiveram de adequar estatutos. ■

PACIENTES INTERESSADOS EM:



• Implantes Dentários

(11) 2807-7788 (Mauá)

Sorriso Fácil Clínica Odontológica
Resp. Técnico: Ricardo Moreira
CRÓ 82725/CROCL 10414

Ligue e agende uma avaliação com um de nossos professores

(11) 4468-1327 (Sto. André)

Maximplantes Clínica Odontológica
Resp. Técnico: Edgard Gonçalves Sichel
CRÓ 82690/CROCL 11949

Apoio:
**AOESP**

Rap é compromisso

Trecho da música do Sabotage cai como luva na atuação de Preto W.O., que desenvolve projeto sociocultural para jovens

Liora Mindrisz

O nome é Willians Freire, mas é por meio da grife Preto W.O. que este jovem de 33 anos trabalha para manter a arte e transformar a vida de jovens da região. Desde 2001, o rapper promove em cidades do ABC o projeto Hip Hop Social, que leva o conhecimento dos elementos da cultura hip hop em oficinas gratuitas de break, gra-

fite, DJ e rap para interessados de 7 a 20 anos. Inicialmente desenvolvido em Mauá, o projeto é itinerante e circula pela Grande São Paulo. “Acredito que o projeto tem muito a ver com a resistência da cultura e que também mostra a resistência de jovens, que sobrevivem em periferias cheias de carência”, diz.

Só em Mauá, o atendimento

ultrapassa cinco mil crianças. Durante a última gestão, em parceria certa com a prefeitura, o projeto percorreu todas as escolas municipais. A preocupação é que as oficinas não sejam apenas momentos de lazer, mas também de aprendizagem. “É muito interessante, durante as oficinas, a abordagem histórica do hip hop, contar como nasceu e o que aquilo significa para nós. No caso da discotecagem, temos a oportunidade de explicar a importância do uso do vinil, mesmo em 2013 com tanta tecnologia a favor da música. Isso promove reflexão”.

Nomes consagrados do hip hop são convidados para as dinâmicas como o DJ do grupo Racionais, KL Jay. “Temos como espelho o projeto dos grupos Racionais e DMN, que levava hip hop para as escolas de São Paulo. Trouxemos a proposta para o ABC e adaptamos as palestras com oficinas, para o pessoal aprender a arte na prática”, conta. “Quando você decide fazer oficina, tem de ser persistente, pois tudo custa caro: aparelhagem de DJ, tintas de spray. Muitas vezes usamos



nossos próprios equipamentos”.

Para dar conta do investimento, W.O. corre atrás de patrocínio. O Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá topou a empreitada e viabiliza o Hip Hop So-

cial junto com algumas marcas de roupa, que acompanham o rapper desde o início da carreira. “Na época que começamos a fazer shows com o grupo MWN, por volta de 1998, era muito

comum fazer a parceria com as marcas de roupas. Então a Chronic, Turbnado e a Highlife me acompanham há muito tempo e de forma natural resolveram apoiar o projeto social”.

Disco novo

Em meio às atividades, W.O. ainda teve fôlego para lançar o primeiro CD solo, intitulado Superação. O rapper, que começou aos 15 anos, fez parte de grupo de rap até 2008. A demora se deu para que as coisas fossem feitas com cuidado e para que todos os colegas que acompanham W.O. pudessem integrar o projeto. O resultado é álbum com participação de Erick Jay (DJ do programa Manos e Minas da TV Cultura), Suave (do grupo Jigaboo), Tio Fresh (do SP Funk) e Markão II (do DMN).

“Já lancei o álbum na internet, que já atingiu mais de dois mil downloads. O artista não ganha nada com a disponibilização gratuita do trabalho, mas o download pode ser termômetro para o músico. Quando você libera, por exemplo, duas músicas,

nem sempre a mais procurada é a que você pensava que fosse”, revela.

O lançamento do álbum está previsto para abril, o que dará nova cara aos planos de Preto W.O. “Os CDs são vendidos nos shows. Esta é a onda dos artistas independentes. Muitos conseguem sobreviver vendendo o trabalho a baixo custo nos próprios shows. A prova mais concreta disto foi o Emicida, que fez a capa do álbum com papel de pão e ganhou prêmio de melhor música do ano pela MTV, concorrendo com artistas consagrados como Rita Lee”, argumenta. Na Rede Globo também há muitas músicas de artistas independentes que começaram desta forma, como é o caso do Projota, que compõe a trilha da novela Guerra dos Sexos. ■



Devoção, rosas e livros



Liora Mindrisz

As lendas são diversas e mesmo a história do soldado do exército romano Jorge, nascido na Capadócia, Turquia, que veio a se tornar santo após anos de tortura por não renunciar a Deus, possuem muitas versões. Certo é que São Jorge foi guerreiro e é a garra que o aproxima de seus fiéis. Foi morto em 23 de abril de 303, data que se comemora o Dia de São Jorge. No Brasil, o santo guerreiro tem várias facetas. É protetor de time de futebol e até Ogum nas religiões afro-descendentes.

O que poucos sabem é que São Jorge é padroeiro da Catalunha, região da Espanha, que há tempos briga pela separação do país. Guerreiros, os catalães não desistem da independência. A última grande manifestação em setembro de 2012 levou 1,5 milhão de pessoas às ruas da capital Barcelona. O argumento é que não se sentem parte da Espanha, uma vez que já foram nação, possuem língua própria e cultura diferenciada dos vizinhos. Assim como Jorge da Capadócia, não negam as convicções e lutam até o fim.

A identificação e veneração a São Jorge faz com que o dia 23 de abril seja uma das datas mais

Dia de São Jorge é comemorado de forma peculiar na Catalunha

Divulgação



Rosas e livros: símbolos dos enamorados

importantes do calendário catalão. Jornais como La Vanguardia publicam edição especial sobre o assunto. Tudo porque os catalães têm forma peculiar de comemorar a data. Quase um segundo dia dos namorados, o Dia de São Jorge é marcado pela troca de presentes entre homens e mulheres. Meninos ganham livros e meninas, rosas vermelhas. “Eu andarei vestido e armado com as armas de São Jorge”, diz o início da oração ao santo. E quem dirá que a sabedoria e a cultura dos livros e que a beleza e amor de uma rosa não são as armas ideais?

Toda esta graça é potencializada com o início da primavera, que no hemisfério norte acontece na mesma data. Por aqui sopram os primeiros ventos do outono. Coincidentemente ou não, Jorge significa, do grego, agricultor ou camponês e é também considerado protetor das colheitas. Nada parece estar fora do lugar. Barracas com venda de livros e rosas contagiam. O povo sai às ruas, desta vez com carinho. As belezas se unem numa grande festa popular, que faz com que, por um dia, os catalães esqueçam um pouco do dragão que precisam enfrentar.



Se este fusca falasse

Artista plástico Maramgoní transforma famoso carro popular em peça de museu

João Schleder

Carros para todos os gostos, de diversos modelos, cores e anos. Em meio à frota de três mil unidades do Auto Shopping Global, em Santo André, destaca-se o City Fusca ou Maramfusca, obra do artista plástico Maramgoní, exposto desde fevereiro no pátio do centro de compras.

Convidado por André Moreno Vargas, diretor geral do Auto Shopping, para criar algo na temática automotiva, Maramgoní sugeriu a intervenção no clássico popular. “Já tinha vontade de usar o Fusca como base para trabalho, mas faltava espaço e apoio. Por isso fiquei muito feliz quando o Global fez a proposta”, diz o artista.

Inspirado na cidade de São Paulo do século XIX, o artista dedicou duas semanas para transformar o carro em obra de arte. “Eu não tinha referência, pois nunca havia feito nada parecido. Tinha apenas uma perspectiva, criada na cabeça, por isso foi muito difícil. Escolhi imagens que funcionassem naquele espaço e o resultado foi muito feliz”, acredita.

Quando apresentou a ideia do Fusca, André Vargas aprovou sem hesitar. “Gostamos logo de cara, por ser carro que tem a cara do Brasil. Mas a peça acabou superando as expectativas. Não poderíamos imaginar que fosse possível retratar uma paisagem na lataria de um carro”, afirma.

O gerente espera que o Maramfusca possa tornar-se atração turística. “Essa peça tem valor inestimável e a intenção é que as pessoas possam prestigiar a obra”, defende.

RECONHECIMENTO TIPO EXPORTAÇÃO

Maramgoní já teve obras expostas em Nova Iorque e França, o reconhecimento dentro do país, porém, só veio depois de participar da Cow Parade – as famosas vacas em fibra de vidro decoradas por artistas –, em 2010. “Esse evento realmente trouxe reconhecimento nacional. Infelizmente, no Brasil, os valores são outros. Aqui o que é mais valorizado é biquíni e bunda”, desabafa.

Divulgação

Andre Gomes, Maramgoní e Carlos Grana





DIVULGAÇÃO

Liberdade nas alturas

Varanda de apartamento é opção para aproveitar espaço

Shayane Servilha

Varandas são diferencial quando se trata de aproveitamento de espaço em apartamentos. A função varia de acordo com o estilo de vida do morador e vai de espaço gourmet a jardim suspenso. Foi por causa da varanda que a advogada Marlei Curto decidiu comprar o novo apartamento. “O espaço dá sensação de liberdade. É o quintal do apartamento e é uma delícia poder ficar ao ar livre. Sem contar que as crianças e os animais podem brincar sossegados e eu aproveitar a vista da cidade”, justifica.

À aqueles que querem descansar e ter mais contato com a natureza, a varanda-jardim é boa opção, mas requer mais cuidados. “É fundamental selecionar plantas de acordo com a luminosidade. Se o local tem sol direto, opte pela cica, espécie de palmeira, ou escolha plantas que são peças-chave, pois suportam bem intempéries, como léia-rubra, dracena-arbórea e beaucarnea. Outra sugestão é pequena horta com temperos e jardim vertical”, sugere a designer de interiores Andriana Meira.

A varanda pode ser transformada em espaço de confraternização para quem assume estilo festeiro. “Se a varanda tiver churrasqueira, combine com

mesas com bancos ou mesa pequena com cadeiras leves. Pufes e mesinhas também deixam espaço livre para movimentação. Caso seja gourmet é interessante decorar com balcão estilo bar para proporcionar interação entre convidados. Entre as peças curingas nas varandas, espreguiçadeiras e divã ficam bem em todos os estilos”, diz.

Para escolher os móveis é importante atentar a materiais mais resistentes às ações do sol, chuva, vento e fungos. “No caso de varandas abertas, a melhor escolha são móveis de acrílico, alumínio, vidro ou fibra sintética, como bambu e a palha, que podem ser molhados sem estragos. Para as varandas fechadas as opções são mais variadas em relação a tecidos, que deixam o ambiente mais confortável.”

Independentemente de ser aberta ou fechada, as varandas pedem revestimentos para evitar infiltração e ajudam na manutenção. “Para fugir da pintura convencional, pode-se trabalhar com textura. A madeira de demolição, por exemplo, atribui ar mais confortável e cai muito bem para a ideia de jardim. Pisos nobres contribuem para o espaço ficar mais aconchegante, utilize porcelanato rústico e mármore com decks de madeira sobrepostos”, aconselha. ■

É cambuci pra lá, é cambuci pra cá

Décimo festival tem missão de levar sabor do fruto para o Centro de Santo André

Da Redação

O 10º Festival do Cambuci de Santo André vai extrapolar os limites da Vila de Paranapiacaba. De 13 a 28 de abril, aos sábados e domingos, a cidade terá Rota Gastronômica dedicada ao fruto típico da Mata Atlântica, com participação de restaurantes e culinharistas audaciosos, dispostos a inovar pratos e drinques. Além de trazer o sabor do fruto para o Centro da cidade, o evento terá feira de artesanato temática.

A proposta é consolidar o cambuci como atração turística e ainda promover o tombamento do fruto e transformar a árvore em símbolo do município. Como a vila acolhe tradição de consumo de produtos à base do fruto, há a ideia de criar selo Cambuci de Paranapiacaba, bem como estruturar rota permanente de restaurantes que ofereçam pratos típicos.

O Festival do Cambuci estreou em 2004 na Vila de Paranapiacaba para promover as festividades de aniversário da Santo André, bem como para fomentar oportunidades positivas às atividades turísticas. A cada edição, novos produtos são desenvolvidos pelos empreendedores locais, que incrementam o cardápio com delícias que extasiam visitantes.

Fernando Nonato



Rota do Cambuci no Centro

Arena Brazuca

Rua Cel. Agenor de Camargo, 532 – Vila Assunção

Bar do Pancho

Rua Cel. Agenor de Camargo, 532 – Vila Assunção

Cachaçaria Central

Av. Lino Jardim, 863 - Vila Bastos

Cervejaria M5 Caldos & Cia

Av. Lino Jardim, 532 – Vila Bastos

Churrascaria São João

Rua Guilherme Marconi, 421- Vila Assunção

Empório D'Vino

Rua Dr. Messuti, 329 – Vila Bastos

Pizzaria Vero Verde

Rua das Bandeiras, 16 – Bairro Jardim

Sanduicheria Meio Natural

Rua Haddock Lobo, 316 – Vila Bastos

Theatrum Café Bar

Saguão do Teatro Municipal

Sabor da Estação

Avenida Industrial 1.850- Box.3

Sipan – Sindicato de Panificação

Rua Marechal Hermes, 187, Bairro Jardim

Toni Station Gastronomia e Bar

Av. Antonio Cardoso, 955 – Bangu

Cachaça não é água não

Alambique Vale Encantado faz jus ao nome e recebe cerca de 500 pessoas nos fins de semana

Shayane Servilha

A 30 quilômetros do Centro de São Bernardo em percurso de duas horas e meia com direito a passeio de balsa, curvas e mais curvas, o Alambique Vale Encantado é conhecido em toda região e ponto de referência no pós-balsa. Há 18 anos na Estrada da Água Limpa, Flaminio de Oliveira, mais conhecido como senhor Bibi, começou a produzir vinho no local depois de se aposentar como cozinheiro, mas a pedidos, foi estudar produção de

cacheça. “Comecei fabricando apenas o vinho, pois meu sogro tinha experiência na área. Só que o público começou a pedir cacheça e há oito anos entrei no negócio. O processo demorou um tempo para chegar ao sabor que tenho hoje. Antes era apenas um hobby, mas com o aumento de visitantes passou a se tornar um trabalho”, diz Bibi.

Com 75 mil metros quadrados, o alambique conta com espaços destinados a crianças e adultos,



Fernando Nonato

como playground, casinha da árvore, campo de futebol e um galinheiro com mais de 15 espécies exóticas e três espécies de pavão. O Vale Encantado também tem churrasqueira e forno a lenha. Os visitantes podem preparar o que vão comer, mas devem consumir a bebida do local. E depois de comer e beber tem como aproveitar o cantinho da tristeza, varanda com mesas e redes para dar um cochilo.

E não é à toa que local recebe cerca de 500 pessoas por fim de semana. Para surpresa de Bibi, recentemente, recebeu a visita de uma família de ingleses. “Tenho clientes que frequentam aqui desde o começo e o melhor é que sempre chegam novas pessoas por indicação para conhecer. Essa família veio com tradutor e ficaram impressionados com tudo. Minha maior propaganda é o boca-a-boca”, diz o aposentado.

A diferença entre bebida in-



Fernando Nonato



Flaminio de Oliveira: boca-a-boca é principal propaganda do negócio

dustrial e artesanal é ausência de composto químico. “Cachaça artesanal é como uma obra de arte porque todo processo é manual. Utilizo a garapa da cana e os sabores naturais. E a diferença principal é que desce sem queimar e é bem mais leve. Pode parecer água, mas não é não”, diverte-se Flaminio.

A casa vende 700 litros de cachaça e 600 litros de vinho por mês. Os sabores mais procurados são coco, canela, amêndoa e cambuci, que custam R\$ 8 o litro. Já a cachaça branca, de carvalho e envelhecida sai por R\$ 7. As opções de vinho são branco suave, seco e licoroso e vinho tinto suave, seco e bordô por R\$ 7 a garrafa.

Os licores produzidos no alambique também fazem sucesso. As preferências são maracujá, jabuticaba, limão, maracujá e chocolate. A garrafa de 275 ml custa R\$ 7. Além das bebidas, o alambique também tem doces caseiros em pote, nos sabores de maracujá, doce de leite, brigadeiro, ameixa, morango e chocolate com doce de leite por R\$ 10.

DEDICAÇÃO E SUCESSO

Até atingir o sucesso, Bibi aprendeu na prática os cuidados necessários para chegar ao sabor das bebidas. “Foi preciso adaptar o local e ter atenção nas temperaturas durante o processo de fabricação. No começo foi necessária muita paciência porque

nem sempre ficava com o gosto perfeito. É preciso ter atenção para não passar uma fase e errar todo processo”, diz.

Um dos diferenciais do alambique do Bibi é a possibilidade de experimentar as bebidas antes de comprar. São aproximadamente 20 litros de cachaça e 30 litros de vinho para degustação. “Quero que a pessoa compre aquilo que vai gostar. Aqui ninguém compra gato por lebre. E sabendo a preferência, a pessoa acaba voltando mais vezes para comprar porque não tem sabor igual. É investimento que gera bastante retorno”, afirma.

Mesmo com muita bebida gratuita à disposição, o público do alambique é essencialmente composto por famílias. “É um erro as pessoas acharem que cachaça só é degustada por quem bebe bastante. As famílias não vêm aqui e enchem a cara. Pelo contrário, experimentam pequenas doses e levam uma ou duas garrafas para presentear. Nunca tive problema de gente que se embriaga”, garante o proprietário, que não bebe. ■

SERVIÇO

Serviço
Alambique Vale Encantado
Estrada Água Limpa, 920 - Riacho Grande - São Bernardo.
Fone: 4342-7666

Natural de Santo André

Lancheteria da família Parizotti diversifica, mas mantém status de referência da Vila Bastos

Fernando Nonato

Liora Mindrisz

Point do happy hour e referência gastronômica, a sanduicheria Meio Natural, em Santo André, já beira 30 anos de muita saúde. Instalado na Vila Bastos, estabelecimento carrega o sobrenome Parizotti e como toda família possui muitas facetas. O mais novo dos cinco filhos da matriarca Shirley é quem toca o negócio. Alexandre Parizotti lembra que tudo começou quando tinha apenas 13 anos. “Minha mãe fazia lanches naturais e eu e meus irmãos saíamos pelos escritórios de Santo André com a cesta cheia para vender. Era opção de alimentação saudável na época”, diz.

Em 1984, com clientela estruturada, a família abriu lanchonete que operava sistema delivery de lanches e sucos naturais. O negócio cresceu e foi preciso investir para atender à demanda. Foi quando em 1992 a esquina da praça Keneddy com a rua Haddock Lobo ganhou personalidade e se tornou referência. O tempo passou, os irmãos foram indo e vindo atrás de outros rumos e Alexandre ficou. Shirley também. Aos 76 anos, é responsável pelas entregas. “É a vida dela, não para de trabalhar nunca”, diz o caçula.

Assim como espaço, o cardápio também cresceu. O lugar que antes era sinônimo de lanches no pão integral, progrediu para opções bem servidas em croissant, baguete e pão sírio. E foi além com opções quentes como panqueca, batata recheada e o prato Cachadaço, criado por Alexandre inspirado numa praia de Trindade, com filé de frango, fritas, queijo minas, peru, palmito, tomate, abacaxi grelhado, requeijão caseiro e salada. O sucos naturais continuam sendo boa pedida, com sabores diferenciados



Shirley e Alexandre: tradição e criatividade

como açaí, umbu, tangerina, tamarindo e graviola. Do menu de bebidas também constam cervejas, caipirinhas e outros drinks.

Como sempre, o Meio Natural se adapta às novidades. Em abril vai participar do Festival do Cambuci, realizado em Paranapiacaba, incluindo a fruta da mata atlântica no cardápio. “Teremos prato salgado, mousse e até caipirinha de Cambuci”, revela Alexandre. O espaço, colorido e rústico, com pelo menos três ambientes, chama atenção desde os finais de semana de calor, quanto nas noites de frio. Se a preguiça bater, o delivery pode ser acionado sem custo da entrega. Deleite-se! ■

SERVIÇO

Meio Natural
Rua: Haddock Lobo, 316 - Jardim Bela Vista, Santo André,
Fones: 4992-7407 ou 4427-9809.

Você vai se amarrar



Lenços e echarpes dão toque especial para looks mais sofisticados

Shayane Servilha

O frio ainda não chegou, mas algumas peças de inverno começam aos poucos desfilarem pelas ruas. Como ainda não há necessidade de sair sob casacos, a solução pode ser apostar em lenços e echarpes para se proteger dos ocasionais ventinhos gelados. Além de agasalhar, as peças são sinônimo de estilo para qualquer look. “Não é à toa que as famosas usam e abusam para dar sofisticação ao visual. Lenços e echarpes são peças que não saem de moda e podem ser usadas em qualquer ocasião, seja formal ou informal, de dia ou à noite”, diz a consultora de moda Luana Dias.

Mas antes de sair por aí amarrando peças pelo corpo, é preciso saber qual estilo quer assumir. “Mulheres clássicas devem investir em modelo de tecido mais fluido e jogar sobre uma camiseta ou camisa, como é o caso de Nicole Kidman. Mulheres românticas podem utilizar como tiara, dando um nó que fique aparente acima da cabeça, como Taylor Swift. Já as modernas, dobrar como bandana, fica bem estiloso, como é o caso da Beyoncé”, sugere.

Além disso, as peças são versáteis e também podem ser utilizadas para substituir outros acessórios e dar charme extra na

produção. “Lenços podem substituir cinto e atribuem aspecto mais feminino e delicado. Importante tomar cuidado para não marcar a cintura. Amarrar na bolsa está em alta e todas as mulheres podem usar e não há regras para utilizá-los dessa forma. Amarrado como pulseira, quanto mais colorido mais jovial e chamativo”, aconselha Luana.

Ao contrário do que muitos pensam, as peças também caem bem em dias mais quentes. “O mais aconselhável são as echarpes e lenços de tecidos finos e transparentes. Para não sentir calor, apenas dê uma volta no pescoço, deixando-a folgada e as pontas para frente. Com a echarpe também pode dar um nó largo e as pontas para frente, fica um visual clássico e alonga o corpo”.

As peças também auxiliam e disfarçam mulheres com seios pequenos ou grandes. “Echarpes ou lenços compridos são melhores em mulheres com pouco seio, pois criam volume. E quanto mais estampado for, mais volume se tem. As peças curtas amarradas no pescoço fica bem para mulher com bastante seio. E o melhor são cores escuras e sem muitas estampas”, diz a consultora. ■

Divulgação



Diferentes e únicas

Mães merecem mais que lembranças no segundo domingo de maio

Shayane Servilha

Todos os dias deveriam ser Dia das Mães, mas a data oficial no segundo domingo de maio acaba sendo bom motivo para presentear e homenagear a pessoa fundamental na vida de todos os seres. Para não passar em branco, nada melhor que presenteá-la. Engana-se quem pensa que são todas iguais. Presenteie de acordo com o estilo.

Mãe esportiva

Monitor cardíaco

Preço sob consulta

Seja qual for a atividade física, um monitor cardíaco é sempre importante. O aparelho controla tempo, frequência cardíaca e calorias queimadas. Para registrar velocidade e distância, basta acoplar o suporte para pés. Mas se a preferência é por bicicleta, pode usá-lo em conjunto com sensor de velocidade e medir os resultados enquanto pedala. O produto pode ser encontrado ABC Plaza Shopping, Av. Industrial, 600, na loja da Centauro ou pelo site www.centauro.com.br.



Mãe moderna

Joias Vivara

Preço sob consulta



Não quer errar? Dê uma joia. Nunca é demais e mães adoram. A nova coleção da Vivara foi inspirada no universo das divas e as peças trazem design moderno e inovador. Os brincos fazem parte da coleção Piton, que remete a textura da cobra em alto relevo, com acabamento duplo fosco e polido. O anel apoia-se na proposta de pedra de ouro, inspirada no formato octogonal da lapidação de esmeralda. As joias podem ser adquiridas na loja da Vivara do Shopping ABC, avenida Pereira Barreto, 42, piso 2.



Mãe fashion

Jaqueta

Preço sob consulta

A jaqueta Shoulder é uma ótima opção para completar os looks com ousadia e modernidade. A mãe pode combinar a peça em couro com opções casuais ou formais. O modelo pode ser encontrado pelo site www.shoulder.dafiti.com.br.

Mãe tecnológica

Máquina fotográfica

Preço sob consulta

Se o hobby é registrar imagens e compartilhar nas redes sociais, a câmera com tecnologia Wi-Fi permite conexão a qualquer momento e em qualquer lugar, sem utilização de fios. Além disso, a função Auto PC Backup envia as fotos direto para o computador ou notebook e sem fios. O produto pode ser comprado pelo site www.lojasamericanas.com.br.



Mãe Musical

Box Chico Buarque

R\$300,00

Presente para nenhum fã de Chico Buarque colocar defeito. A caixa traz os 21 títulos, entre discos de carreira e gravações de álbuns de vários artistas consagrados interpretando composições de Chico Buarque, entre os anos 1967 e 1986. Acompanham a embalagem livreto com textos do jornalista Leonardo Lichote comentando cada título e um CD triplo, com coletânea de raridades inesquecíveis. O box pode ser adquirido no site www.submarino.com.br.



Mãe ecológica

Kit de jardinagem

R\$69,90

Difícil encontrar mãe que não goste de plantas. O kit é ideal para cuidar e fazer pequenos reparos em jardins e floreiras. Acompanha bolsa para guardar e transportar ferramentas: espátula larga, espátula fina, arejador tridente, tesoura para talos e troncos, tesoura para corte de flores e borrifador. O produto pode ser adquirido pelo site www.walmart.com.br ou na própria loja à rua Marechal Deodoro, 2785, Centro, São Bernardo. ■



Garras da inclusão

Projeto esportivo e social de São Bernardo já atendeu mais de 24 mil jovens

João Schleder

O futebol como ferramenta de inclusão e formação do cidadão é o mote do Projeto Tigrinho, que já atendeu mais de 24 mil jovens de São Bernardo entre 7 e 16 anos. Criada em 2009, a iniciativa é fruto de parceria entre prefeitura, São Bernardo Futebol Clube e a entidade beneficente Fábrica do Futuro e alia formação esportiva com acompanhamento escolar.

Além de aprender dominar, tocar e chutar bola, a garotada participa de palestras e orientações sobre drogas, meio ambiente, educação e comportamento. “O

principal objetivo é formar cidadãos. Se daqui vão sair craques, não sei. Mas que serão pessoas melhores, eu garanto”, afirma o coordenador Edinho Montemor.

Não faltam exemplos de jovens que foram resgatados pelo programa. “O esporte, combinado com cultura, lazer e principalmente com educação, é poderosa ferramenta de inclusão”, avalia o prefeito de São Bernardo, Luiz Marinho.

João (nome fictício), de 13 anos, morador do bairro Batistini, afirma que o projeto foi a melhor coisa que poderia ter acontecido.

“Antes eu ficava o dia inteiro na rua, nem na escola eu ia direito. Era muito ruim. Agora, eu vou para a escolinha de futebol com meus amigos. Nós jogamos bola, assistimos palestras, é bem legal”, diz.

Este ano são esperadas mais seis mil crianças. Para fazer parte do projeto é preciso se inscrever em um dos 35 campos espalhados por São Bernardo. Além de morar na cidade, os alunos têm de apresentar RG, RG do responsável e atestado de escolaridade de 2013. As inscrições, assim como as aulas, são gratuitas. ■

Fernando Nonato

Projeto Tigrinho: expectativa de receber seis mil crianças em 2013



TV Ramalhão é o canal

Santo André lança primeira televisão de clube da região

João Schleder

O Esporte Clube Santo André marcou gol de placa em comunicação com o lançamento, em março, da TV Ramalhão. Em ação pioneira na região, o canal próprio estreita o vínculo com os torcedores que podem assistir as partidas ao vivo pela internet.

A iniciativa surgiu da própria arquibancada. Jornalista e admirador do Santo André, Eduardo Bianchi percebeu a dificuldade dos torcedores em acompanhar o clube, principalmente depois das quedas para a Série A2 do Paulista e Série C do Brasileiro. Nessas divisões, os jogos não costumam ser transmitidos.

“Neste ano, fui amadurecendo a ideia de montar uma TV do próprio clube, e resolvi conversar com os dirigentes do Ramalhão”, afirma Bianchi. A diretoria ficou entusiasmada e aceitou o desafio. “O Santo André larga na frente das outras equipes do ABC, já que nenhum outro clube da região tem emissora própria”, diz o vice-presidente, Jairo Livolis.

O canal estreou em 16 de março, quando o Santo André enfrentou o Comercial de Ribeirão Preto fora de casa. Mais de quatro mil pessoas acompanharam



o jogo. Havia intenção de que todos os jogos do Ramalhão fossem transmitidos até o fim do Paulista da A2. Para a Série C do Brasileiro, a TV ainda depende de liberação. Como outros canais possuem direitos de transmissão na Copa do Brasil, os jogos serão radiados via internet.

A EQUIPE

Eduardo Bianchi, que é narrador, será sempre o responsável pelo comando das transmissões. Para os comentários, a TV Ramalhão contará em algumas partidas com o experiente jornalista Lombardi Júnior. “Fiquei muito feliz com o convite e aceitei na hora, claro”, garante. Outros comentaristas da região também serão convidados.

Como o projeto ainda está no início, a TV Ramalhão conta com ajuda de parceiros. O Canal NET Cidade de Santo André disponibiliza os equipamentos necessários para a transmissão. “Sem essas ajudas seria muito mais difícil. Agradeço muito ao gerente do canal Beto Kerr e ao técnico Alex Ricardo, fundamentais para que esse sonho da torcida andreense pudesse se tornar realidade”, comemora Bianchi. ■

Popularidade a socos e pontapés

MMA não para de crescer e sonha ultrapassar futebol em audiência

João Schleder

MMA é o esporte que mais cresce no mundo. Há alguns anos, soaria utópico dizer que a modalidade alcançaria índices estratosféricos de receita, audiência e público, transformaria atletas em celebridades e recrutaria milhares de jovens e adultos para a prática da luta. Graças ao Ultimate Fighting Championship (UFC), maior organização do des-

porto no mundo, as Artes Marciais Mistas exibem coleção de números prósperos.

O UFC gera receita de US\$ 1,2 bilhão só nos Estados Unidos. As lutas são transmitidas para 155 países e ingressos para eventos costumam ser vendidos em poucas horas. O plano de expansão é ainda mais ambicioso. “Em uma década, seremos mais populares que o fu-

tebol”, acredita Dana White, que comanda a organização.

O crescimento do MMA respinga na região. Somente na academia Iron Xtreme, de São Caetano, a procura pelo esporte aumentou cerca de 80% em 2012. “Hoje nós temos 40 atletas treinando especificamente a modalidade”, diz o mestre Clayton Monteiro, graduado em kickboxing, arte baseada no chute, e jiu-jitsu, que hoje se dedica exclusivamente a ensinar.

Divulgação

No octógono

Mata-Leão: lutador, posicionado nas costas do adversário, asfixia o rival com os braços;

Ground and pound: derrubar o adversário e bater quando ele ainda está no chão;

Octógono: é o ringue, só que de oito lados, com 9,14 de diâmetro;

Trocação: momento em que a luta se desenvolve em pé, apenas com trocas de golpes;

3 tapinhas; encurralado, o lutador desiste do combate, batendo com as mãos no oponente ou no chão.

Onde assistir

Bar Figueiras – Rua das Figueiras, 835 – Bairro Jardim, Santo André. Tel.: 4509-1245

ANTIGO VALE-TUDO

Embora o UFC tenha sido criado em 1993 pelo brasileiro Rorion Gracie, filho de Hélio Gracie, inventor do jiu-jitsu brasileiro, o boom da modalidade ocorreu em 2001, quando Dana White adquiriu os direitos sobre o desporto pela bagatela US\$ 2 milhões. A primeira atitude foi estabelecer regras mais severas para que o então Vale-Tudo pudesse ser viabilizado nos Estados Unidos.

No Brasil, o MMA começou a virar febre somente a partir do fim de 2011, quando a Rede Globo comprou os direitos de transmissão do UFC. O esporte ganhou tanto destaque que foi até apresentado no horário nobre, quando atores fizeram papéis de lutadores, durante a exi-



Clercio Santos: contrato com Jungle Fight e Erick Ramil

Fernando Nonato

bição da novela Fina Estampa. “Foi aí que a coisa virou de vez”, garante Clayton.

Com muitas pessoas procurando academias para praticar o esporte, foi preciso esclarecer algo: é impossível praticar a modalidade sem que se conheça ao menos uma luta, seja boxe, muay thai, jiu-jitsu, entre outras. “Primeiro o aluno tem de treinar fundamentos de solo, troca de chutes e socos, para depois amadurecer e migrar para o MMA. Procuramos deixar isso bem claro”, afirma o mestre.

INSPIRAÇÃO

Depois aprender o mínimo, muitos jovens depositam todas as fichas no MMA. Acreditam que po-

dem mudar de vida por meio do esporte, inspirados em superatletas como José Aldo e Anderson Silva, que passaram fome e dormiram em tatames antes de alcançar o estrelato.

Nascido em povoado com cerca de 100 habitantes, próximo ao município de Canarana, na Bahia, Lindeclercio Oliveira dos Santos, 22 anos, trabalhou desde cedo em plantações de feijão, milho e mandioca. As obrigações impediram os estudos e o obrigaram a atividades pesadas e mal remuneradas para sobreviver.

Tudo começou a mudar quando Clercio passou em frente à Iron Xtreme, e resolveu conhecer o lugar. “Logo que cheguei à academia fi-

quei impressionado ao ver o pessoal lutando. Foi paixão mesmo. Não tinha nenhuma noção de luta, só tinha ouvido falar em capoeira, mas resolvi tentar”, lembra.

O baiano garante que desde o primeiro dia traçou a meta de se transformar em lutador profissional. E para cumprir o objetivo, não mediu esforços. O jovem acordava às 4h da manhã, trabalhava o dia inteiro e seguia para a academia, onde cumpria dura rotina de treino. “Tinha vezes que nem jantava e dormia apenas duas horas por dia.”

A falta de recurso financeiro quase interrompeu o sonho do jovem. “Não tinha dinheiro para treinar. Ganhava pouco”, conta. Mas o esforço e o talento demonstrados

treinos mexeram com o coração do mestre Clayton, que resolveu dar oportunidade à jovem promessa. “Vi de cara que ele tinha talento, e não queria que desistisse. Vejo futuro muito promissor para Clercio. É um cara que não tem nada a perder e vai para cima dos adversários com tudo”, elogia.

Os resultados mostram que o mestre tem razão. Este ano, Clercio Batista, o Bruto, como é conhecido no meio da luta, assinou contrato com o Jungle Fight, maior evento de MMA da América-Latina. Mas o lutador quer mais. “Quero o UFC. Sei que tenho que crescer muito para chegar até lá, mas não vou desistir”, garante. ■



Rafael Rodrigues:
golpes no preconceito

MMA adaptado

Rafael Rodrigues, 33 anos, é outro exemplo de como o MMA pode transformar vidas. Paraplégico desde os 17 devido a acidente de trabalho, sempre gostou de praticar esportes. Extremamente competitivo, já participou de torneios das mais diversas modalidades, como Handcycle (bicicleta adaptada) e jiu-jitsu (desafiando, inclusive, atletas sem deficiência). Agora, se prepara para o maior desafio de sua vida: evento de Artes Marciais Mistas Modificadas (MMMA) marcado para outubro, na Inglaterra.

“Gosto muito de acompanhar o MMA e um dia li algo sobre um torneio que estava sendo organizado para adaptados. Entrei em contato com a organização e enviei vídeos de minhas lutas. Eles gostaram e me chamaram”, diz Rafael, que assinou contrato de dois anos e

Divulgação

meio, com previsão para cinco lutas, com a Wheeled Warriors.

O primeiro combate será contra o francês Ludovic Marchand, pela categoria até 70 quilos. O vencedor ficará com o cinturão do torneio. “Não tem muito material sobre o MMA adaptado, mas estou treinando forte meu jiu-jitsu e também a parte de trocação. A luta começa na cadeira de rodas, mas pretendo levá-lo para o chão”, vislumbra Rafael. Se os lutadores forem para o chão, a luta é interrompida, as cadeiras são retiradas e o embate prossegue.

PRECONCEITO

Assim como outras lutas, a exemplo do boxe, o MMA é visto como esporte violento. Embora atletas, treinadores e organizadores tentem desmistificar, chutes no rosto, socos

na boca e cotovelos na altura da sobrançela costumam chocar aqueles que não estão acostumados. Cenas de estrangulamento, que podem até deixar o oponente inconsciente, também são fortes.

“O preconceito sempre vai existir, faz parte. Concordo que algumas cenas são realmente chocantes, porém faz parte do espetáculo. Depois do confronto, os oponentes se cumprimentam. São todos amigos, fica tudo em cima do ringue mesmo”, diz Clayton Monteiro. “Acho que existem esportes mais violentos e desleais que o MMA. No octógono existem regras e árbitro que não deixará que a vida do lutador seja colocada em risco”, complementa.

CUPOM10

O ABC DO DESCONTO

cupom10.com

Parabéns Santo André pelos 460 anos!



Denis Tognetti | Panorâmico

www.acisa.com.br | 2199-1600

